



PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023 E 2024
Reportagem Econômica

MAPA ECONÔMICO DO RS



Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, quarta-feira, 27 de agosto de 2025

Expansão do enoturismo é aposta da Serra para o desenvolvimento

Com indústria forte e diversificada estabelecida, região vê boas oportunidades para seguir crescendo em novas frentes no setor de serviços



AUGUSTO TOMASI/COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI/DIVULGAÇÃO/JC

3ª temporada - 2025

3ª edição

Região da Serra
Região das Hortênsias
Campos de Cima da Serra
Paranhana e Encosta da Serra
Vale do Caí



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
O futuro nos une.



Turismo de experiência em vinícolas gaúchas atrai visitantes de fora do RS; lideranças regionais apontam potencial de ampliar a atividade

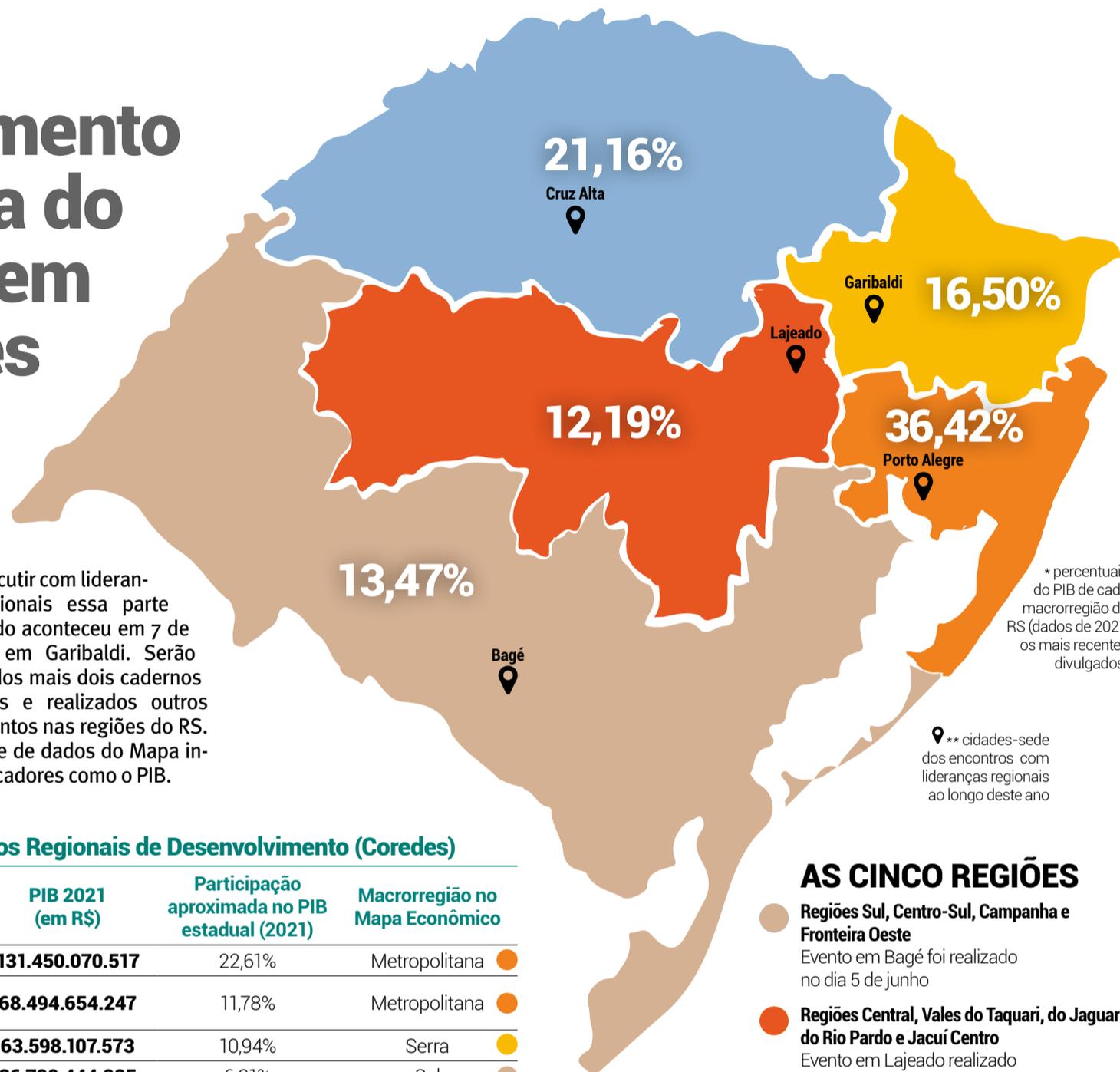
Panorama

Um levantamento da economia do RS dividida em cinco regiões

Terceira temporada do Mapa Econômico do RS faz raio-x atualizado das cadeias produtivas e das riquezas em solo gaúcho

Pelo terceiro ano consecutivo, o Jornal do Comércio promove o mapeamento da economia do Rio Grande do Sul. Esta é a terceira edição de 2025, e abrange as Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Paranhana e Encosta da Serra e Vale do Caí. O evento

para discutir com lideranças regionais essa parte do Estado aconteceu em 7 de agosto, em Garibaldi. Serão publicados mais dois cadernos especiais e realizados outros dois eventos nas regiões do RS. A análise de dados do Mapa inclui indicadores como o PIB.



Ranking do PIB gaúcho por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)

Corede	PIB 2020 (em R\$)	PIB 2021 (em R\$)	Participação aproximada no PIB estadual (2021)	Macrorregião no Mapa Econômico
1. Metropolitana	116.084.255.683	131.450.070.517	22,61%	Metropolitana
2. Vale do Rio dos Sinos	59.233.708.601	68.494.654.247	11,78%	Metropolitana
3. Serra	52.294.019.824	63.598.107.573	10,94%	Serra
4. Sul	27.645.628.740	36.720.444.225	6,31%	Sul
5. Produção	18.621.516.955	24.354.041.158	4,18%	Norte
6. Vale do Rio Pardo	19.988.093.490	21.645.354.271	3,72%	Central e Vales
7. Fronteira Oeste	15.487.155.820	21.231.942.476	3,65%	Sul
8. Vale do Taquari	16.258.628.398	19.115.555.723	3,28%	Central e Vales
9. Central	14.647.908.978	18.757.007.907	3,22%	Central e Vales
10. Alto Jacuí	9.449.984.415	14.526.251.622	2,49%	Norte
11. Norte	11.214.782.463	13.897.181.840	2,39%	Norte
12. Missões	9.453.068.127	13.232.531.615	2,27%	Norte
13. Noroeste Colonial	8.917.363.720	12.844.006.894	2,20%	Norte
14. Fronteira Noroeste	9.484.853.659	12.137.831.514	2,08%	Norte
15. Litoral	10.184.847.099	11.811.339.332	2,03%	Metropolitana
16. Campanha	7.786.239.621	11.096.358.234	1,9%	Sul
17. Vale do Caí	8.395.630.081	11.052.395.600	1,9%	Serra
18. Centro-Sul	7.240.751.703	9.398.634.217	1,61%	Sul
19. Nordeste	5.740.140.861	8.128.972.215	1,39%	Norte
20. Paranhana e Encosta da Serra	6.795.365.918	7.673.898.249	1,32%	Serra
21. Rio da Várzea	5.166.138.902	7.188.396.174	1,23%	Norte
22. Hortênsias	5.388.082.468	6.975.537.074	1,2%	Serra
23. Campos de Cima da Serra	4.707.328.161	6.640.685.035	1,14%	Serra
24. Celeiro	4.879.577.485	6.403.388.242	1,1%	Norte
25. Jacuí Centro	4.064.963.490	6.174.083.601	1%	Central e Vales
26. Médio Alto Uruguai	5.224.562.627	6.170.642.049	1%	Norte
27. Vale do Jaguarí	3.589.507.430	5.692.618.848	0,97%	Central e Vales
28. Alto da Serra do Botucarái	2.997.741.322	4.871.746.860	0,83%	Norte

AS CINCO REGIÕES

- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Bagé foi realizado no dia 5 de junho
- Regiões Central, Vales do Taquari, do Jaguarí, do Rio Pardo e Jacuí Centro**
Evento em Lajeado realizado no dia 10 de julho
- Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí**
Evento em Garibaldi realizado em 7 de agosto
- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucarái, Rio da Várzea e Alto Jacuí**
Evento em Cruz Alta será em 9 de outubro
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**
Evento em Porto Alegre será realizado no dia 10 de novembro

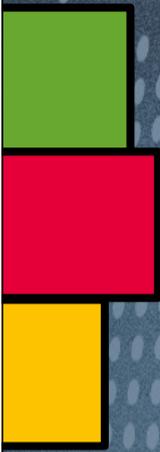
Os dois maiores PIBs entre os 28 Coredes – organização regional utilizada pelo Estado há mais de 30 anos – estão na macrorregião Metropolitana. A **Região Metropolitana, onde está Porto Alegre, lidera, com 22,61% do PIB do RS**, seguida pelo Vale do Sinos, com 11,78%. A outra microrregião desta área, o Litoral, tem um PIB menor, mas tem forte crescimento populacional. Os dados são de 2021.

A Região Norte se tornou a segunda maior economia entre as macrorregiões deste Mapa. A **Região da Produção, onde está Passo Fundo, tem o maior PIB entre as 11 microrregiões do Norte do RS**.

A **Região da Serra, tema deste capítulo do Mapa Econômico, desponta com o terceiro maior PIB** entre os 28 Coredes, representando 10,94% da economia gaúcha. Com outras microrregiões desta parte do Estado, chega a 16,50% do PIB.

As **Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste** têm 13,47% do PIB gaúcho, com amplo potencial de crescimento.

O menor PIB entre as 5 macrorregiões está na área central, com 12,19%, mas as **Regiões Central e dos Vales crescem mais** do que outras proporcionalmente.



Inovação. Uma tradição gaúcha hoje e para sempre.

O futuro já começou e,
nele, o Rio Grande do Sul
está ainda mais forte.



A **Inovação** é o caminho para o futuro. E não é diferente para os gaúchos. O Rio Grande do Futuro, plano de desenvolvimento econômico, inclusivo e sustentável, segue fazendo a diferença. Estimulando a inovação, um valor estratégico que impulsiona um ecossistema

de pesquisa, desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias, temos a garantia de que o Estado seja um centro de excelência em soluções que geram valor, emprego e desenvolvimento para todos.



ACESSE O QR CODE PARA
CONHECER MELHOR O PLANO
E TODAS AS AÇÕES.

**RIO
GRANDE
DO
FUTURO**



Carta do editor

O enoturismo e o desenvolvimento da Serra



Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

A cada edição do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, projeto do Jornal do Comércio que está em sua terceira temporada percorrendo as diferentes regiões do solo gaúcho, reafirma-se in loco a diversidade das cadeias produtivas nas diferentes partes do Estado.

Não há uma só região que seja homogênea em toda a sua matriz econômica: todas reúnem diferentes atividades que concorrem para o desenvolvimento.

A Serra Gaúcha é um caso emblemático para ilustrar essa diversidade da economia gaúcha, com múltiplas iniciativas relevantes. Além de sediar o maior polo metalmeccânico do Rio Grande do Sul – com 4,5 mil empresas distribuídas por diversos municípios, incluindo indústrias gigantes multinacionais nascidas ali –, é também sede de um forte setor moveleiro e de uma importante cadeia industrial de alimentos e bebidas.

Outros nichos ainda poderiam ser citados quando se fala em fábricas na Serra, mas cabe aqui uma menção especial à produção vitivinícola, tradição que tem origem na imigração italiana, que por sinal está completando 150 anos no Rio Grande do Sul em 2025.

Para além da produção de sucos de uva, vinhos e espumantes, tem crescido exponencialmente nas últimas décadas o enoturismo, isto é, a atração de visitantes que buscam experiências relacionadas à produção e à apreciação de vinhos.

Não por acaso, uma das convergências entre os painelistas e as mais de 150 lideranças regionais que participaram do painel do Mapa Econômico do RS em 7 de agosto na Câmara de Indústria e Comércio (CIC) de Garibaldi é que o turismo pode se tornar a grande oportunidade de desenvolvimento econômico da Serra Gaúcha.

Há consenso de que há possibilidade de expansão no número de visitantes, especialmente nesta parte do solo gaúcho.

A Região das Hortênsias,

Esse é o terceiro especial do Mapa Econômico em 2025, com desafios e oportunidades ao desenvolvimento da macrorregião Serra

com Gramado e Canela, já é uma realidade como grande polo turístico do Brasil há décadas, atraindo milhões de visitantes por ano, e segue crescendo e atraindo grandes investimentos.

Paralelamente, a indústria do turismo avança também na Serra, especialmente na Região do Vale dos Vinhedos, em uma sintonia entre a evolução gradual na produção de vinhos e espumantes, bem como na multiplicação de vinícolas locais.

Há diferentes formas e nichos para o turismo crescer, com multiplicação de empreendimentos em diferentes setores da economia. Mais uma vez, o caso da produção vitivinícola é exemplar, por reunir diferentes setores em sua atividade: faz parte do agronegócio na produção de uvas, fomenta a indústria com a fabricação de vinhos e espumantes, e impulsiona toda a cadeia do turismo, com visita a vinícolas, além de movimentar vários empreendimentos como hotéis e restaurantes.

Nesse cenário, surgem também os desafios, como a carência de mão de obra, problema que assola diferentes regiões do Rio Grande do Sul. O mercado de trabalho segue aquecido e, apesar das cheias de 2024, todas as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS ampliaram o número de vagas formais de trabalho, a exceção da Região

das Hortênsias, notadamente afetada pelo fechamento do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, no ano passado, trazendo adversidades para a vinda de turistas de fora do Estado.

A infraestrutura, por sinal, segue sendo um grande gargalo, tanto para a indústria escoar sua produção, quanto para alavancar o turismo.

Há consenso de que a duplicação de rodovias no caminho entre Porto Alegre e a Serra, bem como um novo aeroporto em Caxias do Sul são fatores decisivos para alavancar o turismo e tirar essa oportunidade do papel.

Os eventos climáticos extremos e a sequência de estiagens no Rio Grande do Sul nos últimos anos também provocam efeitos na economia. O setor vitivinícola busca respostas para mitigar essa adversidade com tecnologia. A indústria dessa região, que é forte em exportações, enfrenta ainda um novo desafio, o tarifaço de 50% dos Estados Unidos a produtos brasileiros, problema que está na agenda atual, por envolver esse importante mercado.

São temas centrais na agenda do desenvolvimento das Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vale do Caí, Paranhana e Encosta da Serra, que esta terceira edição do Mapa Econômico do RS de 2025 aprofunda.

O resultado é um panorama

das diferentes cadeias produtivas, mostrando janelas de oportunidades para estimular o desenvolvimento e caminhos para superar desafios. Mais do que isso, a iniciativa busca, com jornalismo de dados, cruzar informações e criar novos indicadores sobre o presente da economia gaúcha, permitindo mais precisão no planejamento do futuro do Estado.

Seguiremos, até o fim deste ano, percorrendo o Rio Grande do Sul em novos encontros com lideranças regionais, produzindo mais dois conteúdos especiais sobre as demais macrorregiões.

Depois de termos passado por Bagé (macrorregião Sul), Lajeado (macrorregião Central) e Garibaldi (macrorregião Serra), o cronograma prevê o próximo evento para o início de outubro em Cruz Alta, para identificar as transformações nas Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucarái, Rio da Várzea e Alto Jacuí.

O Mapa Econômico do RS fecha o ciclo de debates em novembro, com um painel em Porto Alegre, em que discutiremos as Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral.

Até lá, seguiremos publicando novas informações sobre a economia das regiões do Rio Grande do Sul, como fazemos nesta edição.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

Editor-Chefe:

Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

Editores-executivos:

Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br
Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Subeditor:

Juliano Tatsch
juliano@jornaldocomercio.com.br

Reportagem:

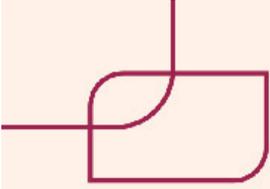
Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br
Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Diagramação:

Luís Gustavo Van Ondheusden
Ingrid Müller
Bárbara Valério Jardim

ÍNDICE

<i>Economia do RS dividida em 5 regiões</i>	página 2	<i>Polo moveleiro da Serra busca alternativas</i>	página 19
<i>Dados sobre o PIB do RS</i>	páginas 6 e 7	<i>Igrejinha incentiva a diversificação</i>	página 20
<i>Dados sobre a população das regiões</i>	página 8	<i>A força da indústria química no Vale do Caí</i>	página 21
<i>Região teve alta nas vagas de emprego formal</i>	páginas 10 e 11	<i>O Vale dos Vinhedos também é dos sucos</i>	páginas 22 e 23
<i>Multinationais criam estratégias pós-tarifaço</i>	página 12	<i>Turismo de experiência e inovação em alta</i>	páginas 24 e 25
<i>Setor metalmeccânico acelera investimentos</i>	página 13	<i>Setor aviário e indústria de laticínios</i>	página 26
<i>Limites logísticos reduzem competitividade</i>	página 14	<i>Massas, biscoitos e mercado pet em alta</i>	página 27
<i>Mapa aponta oportunidades para as regiões</i>	páginas 16 e 17	<i>A indústria da moda e o negócio das frutas</i>	página 28
<i>Indústria calçadista tenta se fortalecer</i>	página 18	<i>Quem esteve no evento em Garibaldi</i>	páginas 29 a 31



A SERRA GAÚCHA E A COOPERATIVA TE ESPERAM DE BRAÇOS ABERTOS.



**JUNTE-SE A NÓS PARA
UMA EXPERIÊNCIA QUE
VAI DESPERTAR TODOS
OS SEUS SENTIDOS!**



BEBE COM MODERAÇÃO

Acesse e
saiba mais



GARIBALDI
COOPERATIVA VINÍCOLA
A vida em harmonia

somos
COOP

Conjuntura

Clima adverso faz RS perder fatia no PIB nos anos 2020

Produto Interno Bruto gaúcho representava 6,5% do País em 2019; apesar de recuperação parcial, índice foi de 6,02% em 2024

Ana Stobbe

Um lugar comum quando se fala em Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul é que o desempenho depende em boa parte “de São Pedro”, isto é, quando o clima ajuda a agricultura e as chuvas são adequadas, a economia vai bem. Entretanto, quando o Estado é atingido por estiagens prolongadas ou chuvas extraordinárias e concentradas, o agronegócio vai mal, o que por consequência prejudica o PIB gaúcho.

Com variações climáticas, o PIB tem oscilado entre anos

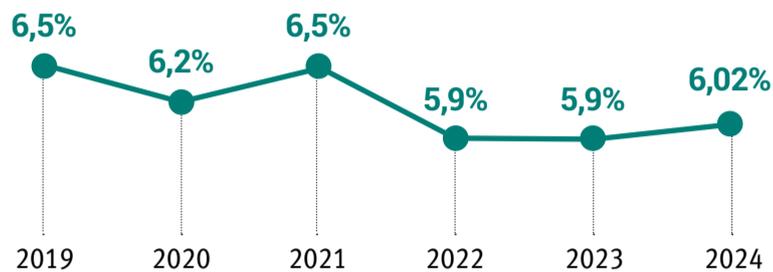
bons e ruins. Mas uma sequência de temporadas com clima adverso tem prejudicado a economia gaúcha, que perdeu uma parte de sua fatia no PIB nacional nos anos 2020.

Entre 2020 e 2024, o PIB gaúcho passou por muitas oscilações. Dos cinco anos sob retrospectiva, apenas o de 2021 pode ser considerado verdadeiramente positivo. Nos demais períodos da série histórica, os valores foram direta e indiretamente impactados por eventos como a pandemia e variações climáticas extremas, incluindo estiagens em 2020, 2022 e 2023, além da enchente de 2024. Os sucessivos prejuízos no campo fizeram o Rio Grande do Sul perder espaço no PIB nacional nos primeiros anos desta década. Enquanto em 2019 o Estado representava uma fatia de 6,5% do PIB brasileiro, em 2020

a fatia caiu para 6,2%. A queda não parou por aí: em seus piores momentos (2022 e 2023) chegou a alcançar 5,9%. Os dados mais recentes, de 2024, mostram uma leve recuperação do RS, chegando a 6,02% do PIB nacional. Os problemas começaram em 2020, com a pandemia causada pela Covid-19 somada a uma estiagem que impactou o agronegócio — cuja cadeia completa representa uma parcela de cerca de 40% do PIB gaúcho, dependendo da metodologia utilizada. O ano de 2021, por sua vez, foi de retomada, especialmente pela reabertura da economia após um ano de intensa preocupação com a pandemia. O crescimento não duraria muito tempo. Em 2022, sob nova estiagem, o PIB gaúcho encolheu: a redução foi de 2,6% em relação ao PIB registrado em 2021.

Participação do Rio Grande do Sul no PIB do Brasil nos últimos anos

FONTE: SPGG-RS/DEE, IBGE



VINNY VANONI / PMPA/DIVULGAÇÃO/JC

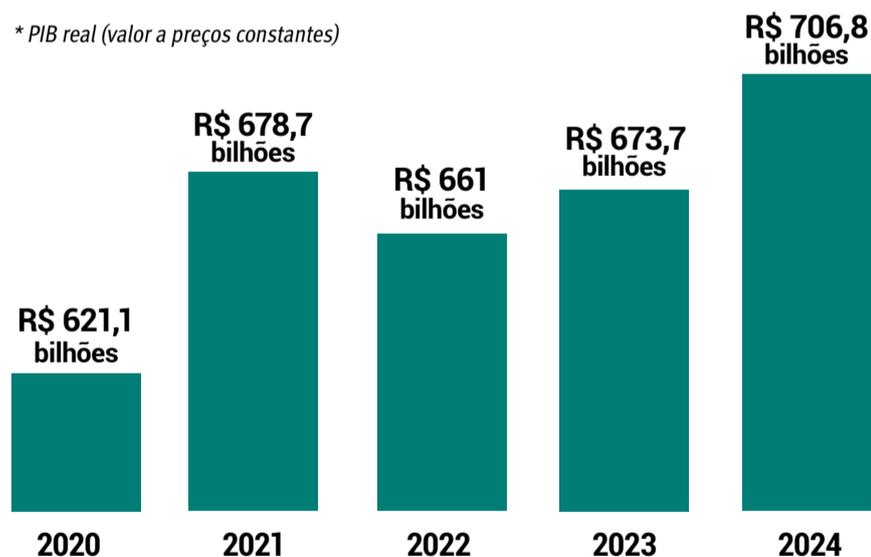


Problemas começaram com a pandemia e se agravaram com a estiagem

Evolução do PIB* nos anos 2020

FONTE: SPGG-RS/DEE, IBGE

* PIB real (valor a preços constantes)



Entre 2020 e 2024, o PIB gaúcho passou por muitas oscilações. Dos cinco anos sob retrospectiva, apenas o de 2021 pode ser considerado verdadeiramente positivo. Nos demais períodos da série histórica, os valores foram impactados por eventos climáticos e pandemia.

A evolução do PIB do Rio Grande do Sul nos anos 2020 (em R\$)

Ano	Valor nominal (a preços correntes)	Valor a preços constantes de 2024 (PIB real)	Varição em relação ao ano anterior
2020	470.941.846.049	621.120.145.155	-7,2%
2021	581.283.677.303	678.754.302.685	9,3%
2022	593.633.656.208	661.023.876.154	-2,6%
2023	645.390.087.451	673.772.841.375	1,9%
2024	706.818.309.044	706.818.309.044	4,9%

FONTE: SPGG-RS/DEE, IBGE

PIB nominal é o valor total de todos os bens e serviços finais produzidos durante um determinado período (geralmente um ano ou um trimestre), calculado a preços correntes, ou seja, aos preços vigentes no próprio período considerado, sem ajuste pela inflação. Ou seja, PIB nominal e PIB a preços correntes é a mesma coisa.

Valor do PIB a valores constantes (também chamado de PIB real) é o valor ajustado pela inflação. Ou seja, é o PIB calculado com base nos preços de um ano-base fixo, para que se possa medir o crescimento real da economia ao longo do tempo.

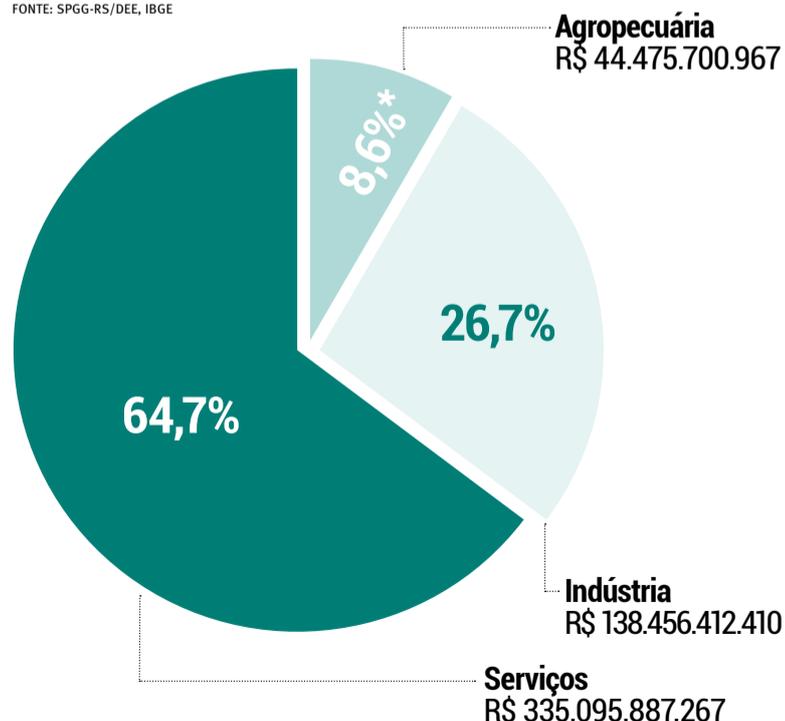
Participação dos setores no PIB de 2022

Valores nominais (dados mais recentes divulgados por setor)

Produto Interno Bruto	R\$ 593.633.656.208
Impostos	R\$ 75.605.655.564
Total das atividades	R\$ 518.028.000.643

Divisão por setores da economia

FONTE: SPGG-RS/DEE, IBGE



* Percentual de 8,6% é específico da atividade agropecuária. O setor do agro é considerado ainda mais importante para o PIB olhando toda a cadeia produtiva, que envolve atividades como fabricação de máquinas agrícolas, produção de alimentos e bebidas, que entram na contabilidade do setor da indústria. A área de serviços se destaca, assim como no País, como principal responsável pelo PIB do RS.

Conjuntura

PIB mostra recuperação, mas enchente terá impacto

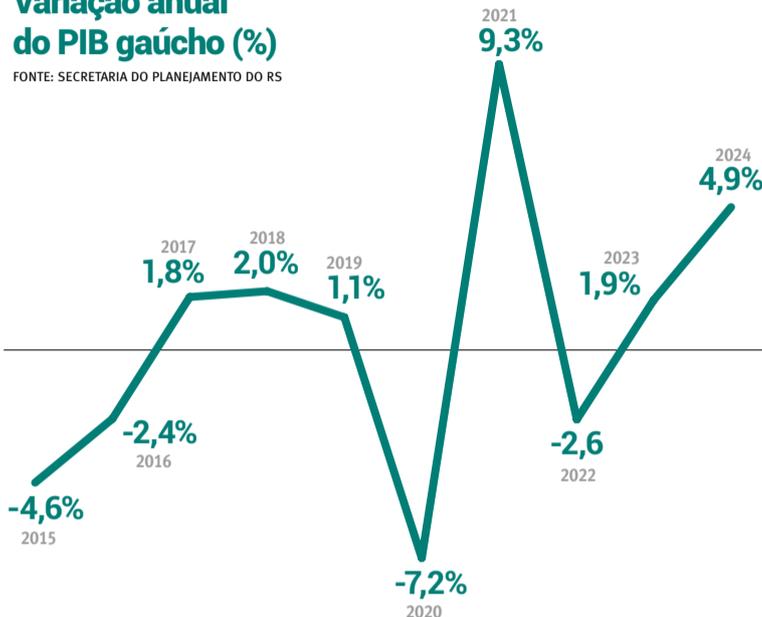
Departamento de Economia e Estatística observa que consequências como perdas e suspensão de operações terão efeito a médio e longo prazos

O ano de 2024 foi marcado pela maior catástrofe climática do RS. No mês de maio, enchentes afetaram 471 das 497 cidades gaúchas e, conseqüentemente, suas economias. Apesar disso, o Produto Interno Bruto (PIB) do RS apresentou um aumento de 4,9% em relação ao de 2023, somando R\$ 706,81 bilhões. O número mostra recuperação do Rio Grande do Sul, mas, de qualquer forma, causa surpresa, considerando as perdas bilionárias em solo gaúcho. Há uma explicação, de acordo com a equipe do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE-RS): o PIB mede o fluxo de produção, e não capta de forma imediata impactos nas perdas de estoque de capital.

Para o diretor do DEE-RS, o estatístico Pedro Zuanazzi, o PIB não é capaz de medir o estoque perdido. “Um exemplo corriqueiro é de quem teve a casa destruída pela enchente e reconstruiu, seja por auxílio do governo, pegando créditos ou até mesmo se endividando. Isso para o PIB pode até ser positivo, porque aquele valor vai estar entrando no PIB, já que é uma construção nova, que está gerando um novo valor. Mas o

Varição anual do PIB gaúcho (%)

FONTE: SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DO RS



estoque do que foi perdido não é reduzido do PIB. Então, às vezes, pode dar uma falsa sensação de que está tudo bem”, analisa.

Os valores positivos de 2024 se devem muito ao agronegócio. A perda de estoque, nesse caso, também deve gerar impactos a longo prazo. “Houve muita perda de fertilidade do solo, a água passava e levava embora aquela camada superficial e vários nutrientes. Isso vai diminuir o rendimento médio das produções ou o produtor vai ter que investir mais para repor a fertilidade. E esse é o típico efeito que a gente não vê no ano, mas que vai aparecer nos próximos períodos”, avalia o economista do DEE-RS Martinho Lazzari.

Tanto Zuanazzi quanto Lazzari

concordam que não é possível estipular por quanto tempo as consequências da enchente na economia poderão ser sentidas.

Afinal, haverá dois diferentes impactos que conflitam entre si: o positivo, proporcionado pela injeção de aportes e recursos voltados à retomada econômica e à resiliência; e o negativo, gerado pela perda de estoques de capital.

O impacto positivo da reconstrução pode ser, de certa forma, estimado pelo calendário do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), mas há ainda outros projetos de reconstrução e resiliência que geram impactos indiretos na economia. Por sua vez, os impactos negativos são ainda mais difíceis de avaliar, segundo os pesquisadores.

Região da Serra deverá crescer nos próximos anos

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho é divulgado trimestralmente, os dados municipais são informados com defasagem de alguns anos. O mais recente recorte municipal do PIB é com os dados de 2021. Uma revisão da metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atrasou a divulgação dos números de 2022, que apenas será apresentada no final deste ano. Mesmo assim, é possível avaliar tendências regionais.

Pesquisadores do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), vinculada à Secretaria Estadual do Planejamento, consideram ser possível dividir o Rio Grande do Sul, de uma maneira geral, em duas grandes porções: a parte Centro-Sul e a porção Norte, que forma uma meia lua com Serra, Região Metropolitana e Litoral Norte. Enquanto a parte Norte do Estado apresenta crescimento potencial e indicadores socioeconômicos superiores, a do Sul ainda busca reverter as suas dificuldades.

“Vemos que são dois estados. O desempenho de educação das escolas municipais públicas na Metade Norte do Estado é muito maior que o desempenho das escolas municipais públicas na Metade Sul. Quando pegamos dados de renda, vemos dois estados, diferenças sociais muito

grandes. E conseguir reverter isso é algo bem difícil. Existem diversas iniciativas (previstas para o Sul), empresas que estão se instalando, temos a expectativa de que, sim, se possa reverter”, avalia o coordenador do DEE-RS, Pedro Zuanazzi.

Há, ainda, especificidades regionais. A Região da Campanha, por exemplo, diferencia-se da Região Sul, de Rio Grande e Pelotas, embora ambas possam ser alocadas na porção Sul do Estado, assim como Fronteira Oeste, que engloba municípios como Uruguaiana e Alegrete, com uma economia agrícola e marcada por desigualdades sociais.

A divisão do RS em porções menores — como a que divide o Estado em cinco grandes regiões, proposta pelo Mapa Econômico do RS, realizado pelo Jornal do Comércio — permite identificar essas características específicas de cada uma delas, radiografando com maior precisão a economia gaúcha.

Nesse aspecto, a Serra, assim como o Litoral Norte, chama a atenção pelo crescimento populacional, embora os dados mais recentes do Censo tenham sido publicados em 2022, antes da enchente e sem pegar todo o impacto da pandemia. De qualquer forma, o fluxo maior de população gera demandas, que conseqüentemente levam à criação de negócios e à geração de empregos. Assim, são zonas que podem ter algum crescimento nos próximos anos, conforme os especialistas.

BRDE. Parceria que tira projetos do papel e coloca pessoas no mercado de trabalho.

Em 2024, os financiamentos do BRDE impulsionaram a criação de mais de **90 mil** empregos nos estados do sul do país. Um resultado que reforça o papel do banco no desenvolvimento socioeconômico que transforma vidas.

Financiando hoje o emprego de amanhã. Saiba mais em brde.com.br



População da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí

As 10 maiores populações

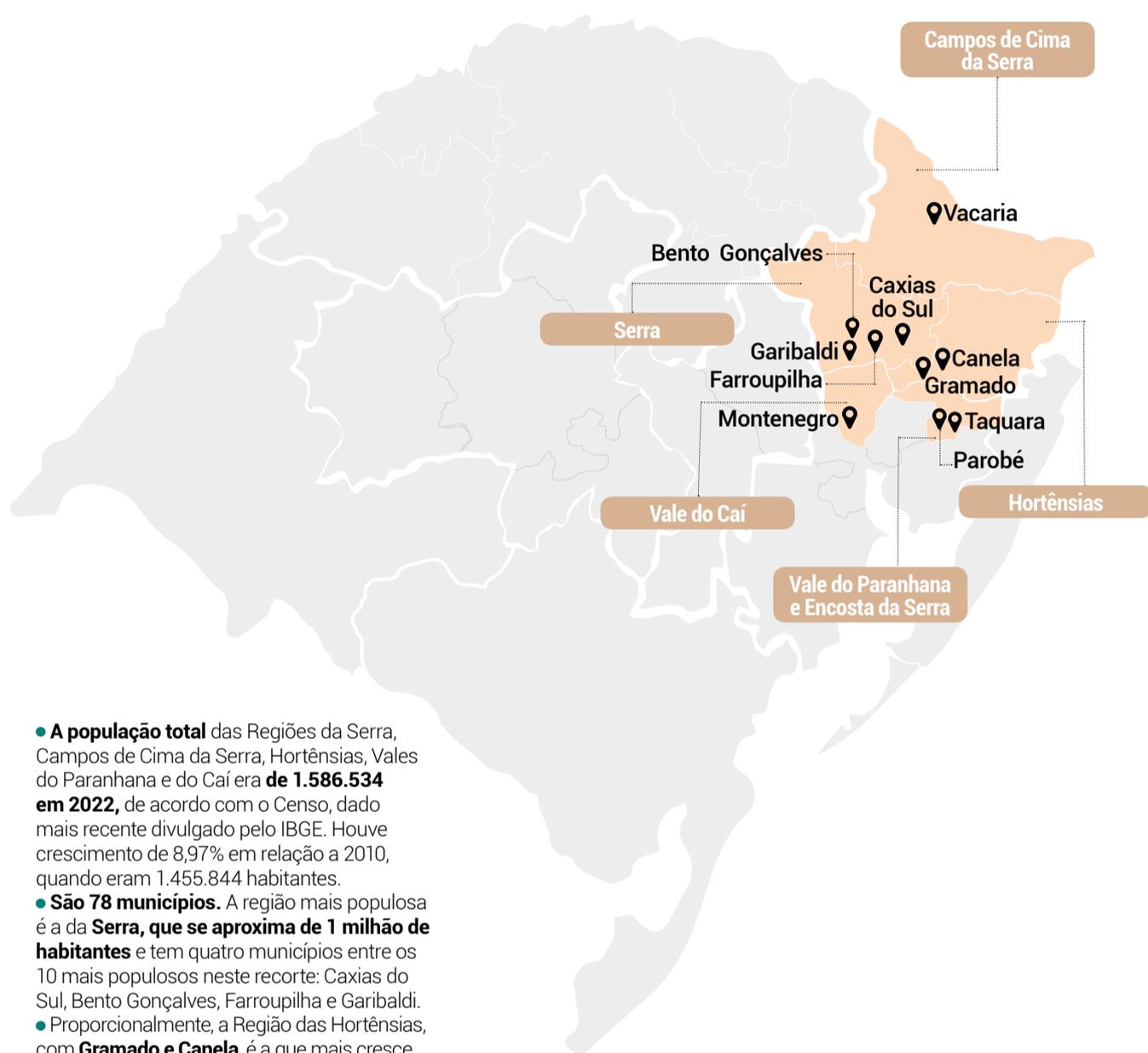
Município	População (Censo 2022)
1º Caxias do Sul	463.501
2º Bento Gonçalves	123.151
3º Farroupilha	70.286
4º Montenegro	64.322
5º Vacaria	64.197
6º Taquara	53.242
7º Parobé	52.058
8º Canela	48.946
9º Gramado	40.134
10º Garibaldi	34.335

Campos de Cima da Serra Total: 100.839 habitantes
(em 2010 eram 98.020, alta de 2,8%)

Município	População (Censo 2022)
Vacaria	64.197
Bom Jesus	11.202
Ipê	5.399
São José dos Ausentes	4.172
Campestre da Serra	3.242
Esmeralda	3.195
Monte Alegre dos Campos	3.180
Muitos Capões	2.879
Pinhal da Serra	2.248
André da Rocha	1.135

Região da Serra TOTAL: 940.311 habitantes
(em 2010 eram 862.377, alta de 9,03%)

Município	População (Censo 2022)
Caxias do Sul	463.501
Bento Gonçalves	123.151
Farroupilha	70.286
Garibaldi	34.335
Flores da Cunha	30.892
Carlos Barbosa	30.420
Nova Prata	25.692
Guaporé	25.268
Veranópolis	24.021
São Marcos	21.084
Serafina Corrêa	16.961
Antônio Prado	13.045
Nova Bassano	9.649
Paráí	7.194
Nova Araçá	4.954
Cotiporã	3.846
Vila Flores	3.646
Nova Roma do Sul	3.466
São Jorge	2.912
Boa Vista do Sul	2.779
Pinto Bandeira	2.723
Fagundes Varela	2.566
Monte Belo do Sul	2.557
Nova Pádua	2.343
São Valentim do Sul	2.207
Protásio Alves	2.025
Coronel Pilar	1.607
Vista Alegre do Prata	1.590
Santa Tereza	1.505
Montauri	1.499
Guabiju	1.417
União da Serra	1.170



● **A população total** das Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí era **de 1.586.534 em 2022**, de acordo com o Censo, dado mais recente divulgado pelo IBGE. Houve crescimento de 8,97% em relação a 2010, quando eram 1.455.844 habitantes.

● **São 78 municípios.** A região mais populosa é a da **Serra, que se aproxima de 1 milhão de habitantes** e tem quatro municípios entre os 10 mais populosos neste recorte: Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Garibaldi.

● Proporcionalmente, a Região das Hortênsias, com **Gramado e Canela**, é a que mais cresce.

Hortênsias Total: 149.675 habitantes
(em 2010 eram 126.965, alta de 17,8%)

Município	População (Censo 2022)
Canela	48.946
Gramado	40.134
Nova Petrópolis	23.300
São Francisco de Paula	21.893
Cambará do Sul	6.361
Picada Café	5.351
Jaquirana	3.690

Vale do Paranhana e Encosta da Serra Total: 209.953 habitantes
(em 2010 eram 204.850, alta de 2,4%)

Município	População (Censo 2022)
Taquara	53.242
Parobé	52.058
Igrejinha	32.808
Três Coroas	24.425
Rolante	21.253
Santa Maria do Herval	6.340
Lindolfo Collor	6.248
Morro Reuter	6.029
Riozinho	4.473
Presidente Lucena	3.077

Vale do Caí Total: 185.756 habitantes
(em 2010 eram 169.632, alta de 9,5%)

Município	População (Censo 2022)
Montenegro	64.322
São Sebastião do Caí	24.428
Feliz	13.764
Bom Princípio	13.142
Capela de Santana	11.159
Salvador do Sul	6.879
Barão	6.461
Vale Real	6.058
Harmonia	5.378
Tupandi	5.029
Brochier	4.966
São José do Hortêncio	4.447
Pareci Novo	4.319
São Pedro da Serra	3.548
Alto Feliz	3.072
Maratá	2.470
São José do Sul	2.380
São Vendelino	2.251
Linha Nova	1.683

THE PARK

inspired BY DROR

ÚLTIMO CONDOMÍNIO CLUBE AO LADO DO PARCÃO,
COM INFRAESTRUTURA SURPREENDENTE.

APTOS DE 3 SUÍTES | 141M² A 220M² | PRONTO PARA MORAR



INFRAESTRUTURA DE LAZER COMPLETA PARA TODA A FAMÍLIA

ACQUA E TREEHOUSE PLAYGROUND, BRINQUEDOTECA, ESPAÇO GOURMET ART E NATURE, FITNESS, PISCINA ADULTO E INFANTIL, PISCINA COBERTA AQUECIDA, POOL HOUSE, QUADRA DE TÊNIS DE SAIBRO, QUADRA ESPORTIVA, ROOFTOPS LOUNGES, SALA DE JOGOS E SALÃO DE FESTAS.

LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA, PRÓXIMA AOS PRINCIPAIS HOSPITAIS E ESCOLAS

COLÉGIO ISRAELITA BRASILEIRO | COLÉGIO LEONARDO DA VINCI | COLÉGIO METODISTA AMERICANO
COMPLEXO SANTA CASA | HOSPITAL DE CLÍNICAS | HOSPITAL MOINHOS DE VENTO | INSTITUTO DE CARDIOLOGIA



CYRELA.COM.BR
3092.8600

PRONTO PARA MORAR

RUA CEL. PAULINO TEIXEIRA, 190
JUNTO AO PARCÃO, RIO BRANCO



Trabalho

Região da Serra teve elevação nas vagas de emprego formal

Um ano após enchente de 2024, municípios registram alta em postos de trabalho na Serra, Campos de Cima da Serra, Vales do Caí e do Paranhana. Região das Hortênsias foi exceção, com mercado desaquecido e perdas em Canela e Gramado. Caxias do Sul lidera no número de vagas formais.

Os 10 maiores estoques de emprego

Município	Estoque de empregos (abril 2024)	Estoque de empregos (abril 2025)
1º Caxias do Sul	169.319	173.659
2º Bento Gonçalves	44.183	45.042
3º Farroupilha	27.029	27.664
4º Vacaria	21.801	21.811
5º Montenegro	20.167	20.794
6º Gramado	21.290	20.233
7º Garibaldi	16.306	16.661
8º Parobé	15.309	15.832
9º Carlos Barbosa	14.366	14.694
10º Flores da Cunha	12.983	13.263

Região das Hortênsias

46.380 vagas formais de emprego em abril de 2025 (queda de 2,49% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Variação
Gramado	21.290	20.233	-4,9%
Canela	10.513	10.335	-1,6%
Nova Petrópolis	6.391	6.367	-0,3%
São Francisco de Paula	5.467	5.568	1,8%
Picada Café	2.233	2.025	-9,3%
Cambará do Sul	1.277	1.218	-4,6%
Jaquirana	614	634	3,5%

Vale do Caí

54.271 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 2,85% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Variação
Montenegro	20.167	20.794	3,1%
São Sebastião do Caí	6.798	6.932	1,9%
Bom Princípio	5.510	5.853	6,2%
Feliz	3.693	3.767	2%
Tupandi	3.206	3.394	4,8%
Salvador do Sul	2.295	2.395	4,3%
Barão	1.875	1.960	4,5%
Harmonia	1.513	1.555	2,7%
Vale Real	1.612	1.402	-13%
Capela de Santana	1.165	1.147	-1,5%
São José do Hortêncio	835	843	0,9%
Alto Feliz	712	758	6,4%
Brochier	683	728	6,5%
São Pedro da Serra	695	723	4%
Pareci Novo	709	681	-3,9%
São Vendelino	583	590	1,2%
São José do Sul	344	365	6,1%
Maratá	216	229	6%
Linha Nova	156	155	-0,6%

Serra

348.963 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 2,32% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Variação
Caxias do Sul	169.319	173.659	2,5%
Bento Gonçalves	44.183	45.042	1,9%
Farroupilha	27.029	27.664	2,3%
Garibaldi	16.306	16.661	2,1%
Carlos Barbosa	14.366	14.694	2,2%
Flores da Cunha	12.983	13.263	2,1%
Guaporé	8.560	8.488	-0,8%
Nova Prata	7.987	8.233	3%
São Marcos	7.624	8.069	5,8%
Veranópolis	7.525	7.552	0,3%
Serafina Corrêa	6.219	6.424	3,2%
Antônio Prado	3.811	3.954	3,7%
Nova Bassano	3.800	3.638	-4,2%
Paráí	3.008	3.062	1,7%
Nova Araçá	1.865	1.911	2,4%
Vila Flores	1.320	1.382	4,6%
Cotiporã	727	735	1,1%
Boa Vista do Sul	610	631	3,4%
Nova Roma do Sul	467	466	-0,2%
Fagundes Varela	454	459	1,1%
São Valentim do Sul	388	393	1,2%
São Jorge	354	366	3,3%
Nova Pádua	354	357	0,8%
Pinto Bandeira	327	327	0%
Montauri	270	297	10%
Protásio Alves	285	286	0,3%
Monte Belo do Sul	260	273	5%
Guabiju	211	231	9,4%
Vista Alegre do Prata	113	131	15,9%
Coronel Pilar	99	112	13,1%
Santa Tereza	114	105	-7,8%
União da Serra	101	98	-2,9%

Campos de Cima da Serra

29.692 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 0,16% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Variação
Vacaria	21.801	21.811	0,04%
Bom Jesus	3.231	3.218	-0,4%
São José dos Ausentes	1.248	1.320	5,7%
Ipê	1.102	1.095	-0,6%
Muitos Capões	762	741	-2,7%
Esmeralda	474	469	-1%
Campestre da Serra	356	359	0,8%
Pinhal da Serra	226	241	6,6%
Monte Alegre dos Campos	200	223	11,5%
André da Rocha	244	215	-11,8%

Vale do Paranhana e Encosta da Serra

63.048 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 0,94% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Variação
Parobé	15.309	15.832	3,4%
Igrejinha	12.704	12.481	-1,7%
Taquara	10.653	10.726	0,6%
Rolante	7.199	7.272	1%
Três Coroas	7.303	7.233	-0,9%
Presidente Lucena	2.462	2.590	5,1%
Lindolfo Collor	2.023	2.175	7,5%
Morro Reuter	1.763	1.772	0,5%
Santa Maria do Herval	1.657	1.648	-0,5%
Riozinho	1.389	1.319	-5%

Trabalho

Mercado de trabalho segue aquecido mesmo após enchente de 2024

Indústria e serviços puxaram o crescimento de vagas formais na Serra; estoque vai a 348,9 mil postos de trabalho

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

Apesar das enchentes do ano passado e do desempenho inferior no setor de turismo, a macrorregião da Serra conseguiu manter — e até ampliar levemente — o número de postos de trabalho formais: o crescimento foi de 1,62% um ano após a enchente de 2024.

O índice foi impulsionado, principalmente, por duas regiões: o Vale do Caí, que ampliou em 2,85% suas vagas, e a Serra, que teve um crescimento de

2,32%, semelhante ao do Estado do Rio Grande do Sul, que foi de 2,4%. Os dados são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e consideram a variação de abril de 2024 a abril de 2025.

O crescimento da macrorregião foi impulsionado, de maneira geral, por dois setores. A indústria, que se destacou no incremento do número absoluto de empregos, com cerca de 4 mil novas vagas, e os serviços, com 3 mil postos de trabalho criados. Entre eles, ainda, é possível observar atividades específicas que cresceram ou decaíram. É o caso da fabricação de máquinas e equipamentos (6,8%) e do setor coureiro-calçadista (-2,7%).

Em ambos os casos, entretanto, é possível que, em um futuro próximo, os impactos das

tarifas de 50% a produtos brasileiros exportados aos Estados Unidos impostas pelo presidente norte-americano Donald Trump gerem uma regressão nas vagas.

O setor coureiro-calçadista, embora ainda seja o que mais gera empregos no Estado, já apresenta queda nos postos de trabalho, que podem regredir ainda mais, enquanto outros segmentos da indústria tendem a estagnar ou decair na criação de oportunidades laborais.

A situação tem preocupado o pesquisador do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS) Guilherme Sobrinho, principalmente considerando o peso desses segmentos para o mercado de trabalho gaúcho. “A indústria ainda é super importante na estrutura



ocupacional do Estado, embora o setor de couro e calçados tenha tido boa parte da produção externalizada para outros estados em busca de benefícios fiscais e redução de custos de forças de trabalho. Então, pode ser um impacto bastante grande”, projeta o especialista.

Para Sobrinho, um dos principais empecilhos é a incerteza quanto à duração das tarifas dos EUA. Entretanto, ele avalia que ainda é necessário aguardar o anúncio das medidas compensatórias que estão sendo estruturadas do ponto de vista governamental.

- A Região do **Vale do Caí** ampliou em 2,85% as vagas de emprego, enquanto a **Serra** teve um crescimento de 2,32%, índice parecido ao registrado pelo Estado do Rio Grande do Sul, que foi de 2,4%.
- A **Região das Hortênsias**, dependente economicamente do turismo e dos serviços atrelados a ele, foi afetada pelo fechamento do Aeroporto Salgado Filho em 2024, perdendo 2,49% dos empregos formais.

PREPARE SUA EMPRESA PARA O FUTURO

O CIEE-RS conecta sua **organização** a jovens com vontade de aprender, crescer e transformar.

Em um mercado competitivo, quem aposta em talentos com propósito sai na frente.

O **CIEE-RS** é seu **parceiro estratégico** no recrutamento de estagiários e aprendizes. Oferecemos acesso a jovens talentos preparados para contribuir desde o primeiro dia, além de soluções que otimizam o processo de seleção, reduzem custos e fortalecem a cultura organizacional.



in ciee-rs

@cieers @ciee_rs

Acesse nosso site e encontre os perfis ideais para a sua empresa.



Nossos diferenciais:



Plataforma inteligente para recrutamento personalizado



Teste comportamental com foco em compatibilidade



Suporte próximo, humano e estratégico em cada etapa



Conexão com políticas de inclusão e responsabilidade social

Reportagem Especial

Multinacionais da Serra criam estratégias após tarifaço dos EUA

Empresas do setor metalmeccânico precisam se adaptar ao novo cenário

Eduardo Torres

O setor metalmeccânico está no alvo do tarifaço. Para que se tenha uma ideia, a macrorregião tem 10 municípios entre os 50 maiores exportadores gaúchos nos primeiros sete meses do ano. Em cinco deles – Caxias do Sul, Montenegro, Carlos Barbosa, Nova Prata e Farroupilha –, as produções do setor respondem pelos maiores volumes negociados no exterior, chegando a US\$ 1 bilhão. E 60% deste volume em vendas aos Estados Unidos.

Uma das soluções pode estar justamente no perfil internacional – e hoje multinacional – das principais indústrias da Serra Gaúcha. É o caso da Tramontina, que conta com seis plantas industriais na região, entre Carlos Barbosa, Farroupilha e Garibaldi, e responsável direta pelos principais negócios no exterior destes três municípios.

Desde a década de 1980, a empresa tem um Centro de Distribuição nos Estados Unidos, e não pensa em desmobilizar ou mudar a estratégia dessa estrutura. De acordo com o CEO da empresa, Marcos Tramontina, os negócios com o país representam um terço das exportações da Tramontina.

Por meio da assessoria de imprensa, o CEO reforça que esta não é a primeira vez que “vivenciamos ciclos preocupantes nas diferentes economias, e nossa amplitude de atuação nos ajuda a absorver momentos de dificuldades em mercados específicos”. Hoje a Tramontina chega a 120 países, com representações comerciais próprias em 22 nações. Ele admite, porém, que neste caso, pela relevância do mercado norte-americano, o desafio é bem maior.

Não à toa, a previsão de investimentos da empresa neste ano é superior a 2024. Entre as suas fábricas no RS, a Tramontina

prevê desembolsar em aportes mais de 5% do faturamento previsto para 2025. No ano passado, este valor ficou em torno de 3%. De acordo com Marcos Tramontina, as prioridades de investimentos estão em novos softwares e equipamentos, estruturas logísticas e soluções para o aumento de produtividade em cada uma das unidades.

A empresa não detalha seus investimentos no ano. Em 2024, porém, teve aprovado um financiamento de R\$ 135 milhões pelo BNDES para melhorias em suas unidades em todo o Brasil, principalmente no interior de São Paulo, Pernambuco e Pará. Para a Serra, porém, havia previsão de destinar R\$ 25 milhões, em dois anos, para a Tramontina Eletrik, com operação em Carlos Barbosa, cujo portfólio contempla cerca de 3.500 itens, incluindo tomadas, interruptores, disjuntores, duchas e extensões.

Na linha de utensílios domésticos, depois do aumento de 22% nos negócios, a partir da venda de produtos a preço de custo no RS em meio à reconstrução do Estado, entre junho e setembro, agora, a empresa prioriza o desenvolvimento de produtos que representem soluções a este consumidor, especialmente com a automação.

Entre os principais produtos exportados para os Estados Unidos estão painéis, itens de cutelaria, ferramentas agrícolas e de jardinagem. Por isso, conforme Marcos Tramontina, foi exigido um rápido ajuste nos planos de produção e nas estratégias comerciais para outros mercados, que vão da negociação de matérias-primas e outros insumos até a conquista de novos parceiros comerciais na América Latina, na África e no Oriente Médio. “Ao final dessa escalada tarifária, sairemos mais fortalecidos, preparados para atender o mercado norte-americano e melhor posicionados em outros mercados”, posiciona-se o executivo.

É também a partir da Serra que a Marcopolo garante a



Tramontina tem operação diversificada em vários municípios da região, como Garibaldi

liderança brasileira na produção de carrocerias de ônibus. O mercado interno respondeu, em 2024, por 63,7% da receita da empresa, com destaque para os segmentos rodoviário e escolar, enquanto as exportações cresceram 22,3%, impulsionadas por operações diretas da empresa na Austrália, no México e na Argentina. Essa estratégia descentralizada e multinacional garante uma salvaguarda às medidas norte-americanas. As exportações para os Estados Unidos, em geral, saem da unidade mexicana da Marcopolo. Em 2025, os números foram positivos no primeiro semestre. Enquanto o mercado interno garantiu 3% de crescimento ao setor, no externo, o crescimento foi de 21%, puxado pela Argentina.

Na Serra, são três unidades em Caxias do Sul e uma em

Farroupilha. Na sede da empresa, no distrito de Ana Rech, são produzidos ônibus rodoviários, urbanos, ferroviários — por meio da divisão Marcopolo Rail — e chassis. A unidade São Cristóvão é especializada em modelos urbanos e micros das marcas Marcopolo, Volare e Neobus. Já a unidade Apolo, em Farroupilha, é dedicada a peças poliméricas de alta tecnologia, inclusive componentes com grafeno. Na inovação, a Serra também é protagonista, com a atuação da Marcopolo Next, responsável por acelerar a transformação tecnológica e digital da companhia.

Há ainda a Randoncorp, que atua em 15 países com 38 unidades industriais e 18 centros de distribuição, com seus produtos em 120 países. Criada em Caxias do Sul há 76 anos, a empresa mantém na Serra o seu núcleo

industrial, tecnológico e institucional. Trabalham entre as unidades locais metade dos 19 mil funcionários da corporação.

De acordo com o presidente da Randoncorp, Daniel Randon, o cenário tarifário dos EUA é monitorado com cautela. Entre as empresas do grupo, a Frasle Mobility é a que mais exporta para aquele país, mas parte do impacto é mitigado pela presença de uma fábrica no Alabama. A Randoncorp tem ainda operações em Kentucky e Nova Jersey.

Com receita líquida consolidada de R\$ 3,3 bilhões no segundo trimestre deste ano — uma alta de 10,5% em relação ao mesmo período em 2024 —, as receitas internacionais, que somam as exportações brasileiras e a produção externa, representaram 34% do valor, em alta de 77,2% em relação ao ano passado.

Maiores exportadores da macrorregião Serra

📍 **Caxias do Sul** (8º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 433,4 milhões**, com crescimento de 22,8% em relação a 2024: 58,5% em carrocerias, partes de veículos, reboques e semirreboques, guarnições de fricção (EUA foi o 3º destino, com 15,7%)

📍 **Montenegro** (13º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 239,4 milhões**, com crescimento de 10,9% em relação a 2024: 51,5% em tratores, carrocerias e acessórios (Estados Unidos foi o 2º destino, com 11,8%)

📍 **Carlos Barbosa** (14º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 167,7 milhões**, com redução de 6,3% em relação a 2024: 85% em artefatos domésticos, ferramentas e talheres (Estados Unidos foi o 1º destino, com 22,5%)

📍 **Bento Gonçalves** (31º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 58,1 milhões**, com redução de 10,7% em relação a 2024: 52,3% em móveis e partes de móveis (Estados Unidos foi o 2º destino, com 12,4%)

📍 **Nova Prata** (33º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 55,2 milhões**, com redução de 8,1% em relação a 2024: 82% em pneus e borrachas (Estados Unidos foi o 1º destino, com 28,6%)

📍 **Igrejinha** (35º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 52,6 milhões**, com crescimento de 9,6% em relação a 2024: 63,3% em calçados e solas

📍 **Farroupilha** (36º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 50,7 milhões**, com crescimento de 2% em relação a 2024:

50% em artefatos domésticos, talheres, ferragens (Estados Unidos foi o 3º destino, com 13,4%)

📍 **Garibaldi** (39º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 48,9 milhões**, com redução de -13,3% em relação a 2024: 43% em rações; 25,5% em ferramentas

📍 **São Sebastião do Caí** (43º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 38 milhões**, com crescimento de 10,6% em relação a 2024: 45,3% conservas de carnes, miudezas e sangue

📍 **Flores da Cunha** (47º do RS entre janeiro e julho) movimentou **US\$ 31,9 milhões**, com crescimento de 9,1% em relação a 2024: 30% em vinho, álcool etílico, sumos de frutas; 26% em guindastes, motores (Estados Unidos foi o 2º destino, com 20,6%)

Reportagem Especial

Setor metalmecânico da Serra acelera investimentos

Criada há 17 anos, empresa de Flores da Cunha é um dos exemplos da vocação da produção industrial da Serra Gaúcha

A cada mês, saem da planta industrial em Flores da Cunha, na Serra, 220 guindastes articulados e cestos aéreos e, a partir de outubro, a perspectiva é de que essa capacidade produtiva chegue a 300 equipamentos mensais. Faz parte do plano de expansão da TKA Cranes, líder nacional no mercado de guindastes. A empresa investe na ampliação de mil metros quadrados na sua atual fábrica e outros 5 mil metros quadrados em uma nova unidade na cidade.

“Hoje estamos atuantes em 23 países e lideramos o mercado no Brasil. Com o investimento na nova unidade, queremos ampliar a produção de guindastes veiculares de grande porte para todas as aplicações. Da construção, da eletrificação, da mineração, do agro e do mercado de locações, que hoje absorve a maior parte da nossa produção”, aponta o diretor de produtos da empresa, Marco Aurélio Waikamp.

Entre as prioridades do seu plano de expansão, está ainda o crescimento do departamento de peças da empresa, que garante o que Waikamp considera o diferencial da TKA. A empresa planeja ampliar em 30%

o seu faturamento em 2025.

“Conhecemos muito bem a engenharia dos produtos, e investimos muito nessa qualidade, não apenas na fabricação. Criamos a universidade do guindaste, para o treinamento e qualificação de mão de obra. É uma vocação da nossa empresa, e estamos buscando esse ativo de qualidade na engenharia em toda a nossa região. Temos muita preocupação com o pós-venda, que é uma garantia para quem compra os guindastes produzidos aqui em Flores da Cunha”, diz o diretor.

Criada há 17 anos, a TKA é um dos exemplos da vocação da produção industrial da Serra Gaúcha no setor metalmecânico e de máquinas e equipamentos. Somente em Flores da Cunha, são 134 empresas associadas ao Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul e Região (Simecs). A região é o principal polo metalmecânico do Rio Grande do Sul, e um dos principais do Brasil, com, de acordo com o Simecs, pelo menos 4,5 mil empresas entre 17 municípios e a geração de quase 70 mil empregos.

O fato é que a produção metalmecânica da Serra costuma funcionar como um termômetro da indústria gaúcha. Os investimentos da TKA dão um panorama da expansão no setor demandante dos

guindastes. E não é exceção. Em Caxias do Sul, por exemplo, a BP Componentes Hidráulicos e Mecânicos, integrante da multinacional italiana Bondioli & Pavesi, que fornece componentes para a produção de máquinas agrícolas, desembolsa R\$ 50 milhões na nova sede e modernização fabril.

A empresa passará de 5,5 mil para 14 mil metros quadrados. Nos últimos cinco anos, triplicou a receita e duplicou o número de funcionários. A partir do segundo semestre do próximo ano, a empresa projeta dobrar o faturamento e elevar o quadro para 200 funcionários. A estimativa de crescimento para este ano é de 15%.

A força do metal

■ São 4,5 mil empresas do setor metalmecânico, com 69 mil empregos entre 17 municípios da Serra e do Vale do Caí

Principais indústrias e municípios:

- ♥ Caxias do Sul (Randoncorp, Marcopolo, Agrale, Intral, Guerra, Soprano)
- ♥ Carlos Barbosa (Tramontina, Irwin, Usiflex, Usimaq)
- ♥ Farroupilha (Tramontina, Marcopolo, Soprano, Thermotec, Usiler, Masal)
- ♥ Garibaldi (Tramontina)
- ♥ Nova Prata (Vipal)
- ♥ Flores da Cunha (TKA Cranes)
- ♥ Montenegro (John Deere, CBC)
- ♥ Veranópolis (Boito)

(FONTE: SIMECS)

Território fértil para as soluções à indústria

Se o potencial do polo metalmecânico garante o avanço da produção de máquinas, veículos, motores ou peças para o mercado, há também território fértil para quem presta o serviço para garantir maior eficiência a essas indústrias. É o caso da Magnani, em Caxias do Sul.

A partir da empresa, que desenvolve projetos de eficiência energética, pelo menos 10 indústrias da Serra Gaúcha aplicaram nos últimos anos projetos desenvolvidos pela Magnani na renovação de motores que garantem a mesma capacidade produtiva com menor custo. E o resultado, garante o CEO da Magnani, Derli Antônio da Silveira, tem demonstrado entre 15% e 20% de maior eficiência energética e produtiva.

“A empresa iniciou há 58 anos como varejista de materiais elétricos. Há pelo menos 15 anos, porém, percebemos que somos uma empresa com um papel de provedora de soluções não somente aqui na Serra. Temos hoje, talvez, a maior gama de aplicações no Rio Grande do Sul, desde o desenvolvimento de novos equipamentos até mudanças em painéis e controles. Hoje temos capacidade para atender a qualquer perfil de cliente que esteja interessado em garantir maior eficiência energética”, avalia o executivo.

A eficiência energética é um dos maiores pesos nos custos da indústria. E há ainda o avanço das políticas de

ESG, que resultam em valorização no mercado do que é produzido.

“Nosso papel nas indústrias é o de desenvolvermos soluções desde o controle eficiente do uso da energia até a garantia de cada vez melhores aplicações à energia de fonte renovável, com a melhor tecnologia disponível. E como este é um cenário em transformação, nós não podemos parar”, explica Silveira.

A Magnani investiu recentemente R\$ 1 milhão somente para um novo pavilhão onde desenvolve a montagem e estudos para a aplicação da tecnologia de bateria BESS (Sistema de Armazenagem de Energia em Bateria) a partir do equipamento criado pela WEG. A empresa de Caxias do Sul desenvolve neste pavilhão uma estrutura metálica para envolver a bateria e entregar a solução pronta às indústrias.

“Temos comprovado que este modelo de armazenagem de energia é mais rápido, eficiente e ecologicamente mais limpo do que os tradicionais geradores”, conta Derli Antônio da Silveira.

Entre os projetos já aplicados pela Magnani está, por exemplo, a Rota de Caxias do Sul ao Litoral Norte, com carregadores para veículos elétricos. A empresa é pioneira nessa tecnologia e avança no desenvolvimento de projetos para eletropostos no Estado e em São Paulo.



SAÍMOS COM O CARRINHO CHEIO DE PLANOS E GRANDES NEGÓCIOS.

EXPOAGAS 2025
19 a 21 de agosto - FIERGS - Porto Alegre
42ª Convenção Gaúcha de Supermercados
Uma Feira de Negócios

PATROCÍNIO GLOBAL



COPATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Reportagem Especial

Infraestrutura deficiente prejudica setor metalmecânico

Na Serra Gaúcha, o custo logístico para as empresas chega a 21%, em média

Eduardo Torres

As cheias do ano passado, mesmo não atingindo diretamente a Serra com força, deixaram claro o isolamento logístico da região que concentra o maior polo metalmecânico gaúcho. O cenário reforçou aquela que é considerada pelo vice-presidente do Simecs, Rubem Bisi, uma prioridade na região: “Nosso principal desafio hoje é mantermos as indústrias que já temos, porque muitos estão abrindo filiais ou até mesmo migrando, por exemplo, para Santa Catarina. A infraestrutura e a logística no estado vizinho têm sido atrativos. Temos movimentos de aproximação com o governo estadual para tratar da nossa competitividade. Infelizmente, a cheia mostrou o quanto estamos isolados na Serra em termos logísticos”, aponta o dirigente.

Para que se tenha uma ideia, em média, o custo logístico no Brasil é de 17%. Na

Serra, sem o modal ferroviário, rodovias duplicadas e múltiplas opções portuárias, esse custo chega a 21%, em média. O ciclo produtivo deste setor na Serra consiste em transformar o aço e outros metais, que vêm principalmente do Sudeste do Brasil ou do exterior, em produtos manufaturados que retornam a esses lugares. A logística pesa duas vezes.

De acordo com Bisi, o Rio Grande do Sul recebe anualmente 46 mil caminhões carregados com aço, e 60% deles são destinados à Serra. “É uma operação muito onerosa, porque não contamos com trem, que poderia ligar o Estado ao restante do País em Vacaria, e não temos cabotagem portuária, por exemplo, no Litoral Norte”, diz Rubem Bisi.

Um símbolo deste obstáculo está na BR-116, que cerca Caxias do Sul e representa o principal eixo de ligação da região com o Brasil. Sem perspectiva de duplicação, é inviável, por exemplo, o tráfego de uma das especialidades da indústria local, os caminhões bi-trens produzidos na Serra em direção a Vacaria.

A partir da Marcopolo,

Caxias do Sul responde pela maior produção mundial de ônibus, mas para enviar a produção de ônibus articulados pela ERS-122, por exemplo, cada veículo precisa de uma autorização do Daer. “É difícil de acreditar, mas a indústria produz um veículo articulado em 12 dias, e a autorização estadual é liberada em 60 dias. A burocracia torna-se um entrave”, exemplifica o vice-presidente do Simecs.

Durante a cheia, empresas migraram suas produções temporariamente para a Serra, e passada a calamidade, muitas pessoas permaneceram na região. Ainda assim, segundo Bisi, esse acréscimo ainda não se traduziu em garantia de mão de obra para o setor, que segue com déficit de 2,6% na região. Segundo ele, além dos aspectos logísticos e de infraestrutura, para garantir, além da permanência de negócios na região, a atração de novas empresas, é preciso investir mais na qualificação de mão de obra apta a atuar em indústrias cada vez mais tecnológicas. “Investir em educação é fundamental para garantir a manutenção do nosso potencial no futuro”, avalia.

Obras do Aeroporto de Vila Oliva podem iniciar em 2026

Em maio, o projeto para o Aeroporto de Vila Oliva, em Caxias do Sul, foi oficialmente incluído como uma obra listada no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal. Dois meses depois, porém, a prefeitura de Caxias do Sul solicitou a prorrogação do prazo do convênio para a reserva de recursos ao projeto, que vence em 3 de setembro. Não há tempo hábil para

o início da obra até lá. O acordo entre o município e a União havia sido assinado em 2019, com previsão inicial de R\$ 200 milhões para a obra, e, no ano passado, o valor foi reajustado para R\$ 270 milhões. Até o momento, porém, ainda não foram finalizados os projetos ambiental e de infraestrutura, com desembolso de R\$ 15 milhões neste ano. As projeções mais otimistas

consideram a possibilidade de início das obras entre o fim deste ano e o início de 2026. O pedido de adiamento, que precisa prever o prazo para entrega da obra, chega a três anos e 10 meses. A projeção é de que, até 2050, o futuro aeroporto movimentará dois milhões de passageiros por ano. No atual aeroporto Hugo Cantergiani, a movimentação chegou a 250 mil passageiros por ano.

Gargalos e projetos logísticos na macrorregião da Serra

■ **Duplicações em 2026:** trechos da ERS-122, RSC-453 e ERS-240 só devem começar a ser duplicados pela concessionária CSG no próximo ano, com prazo de entrega em meados de 2027, após adaptação de projetos para duplicações no Bloco 3 de rodovias estaduais.

■ **BR-116:** não há recursos previstos para duplicar a rodovia na Serra, além do trecho urbano de Caxias do Sul.

■ **Rodovias em recuperação**

(Funrigs): Investimento de R\$ 557,4 milhões - ERS-431 (Bento Gonçalves a Santa Bárbara), ERS-444 (Bento Gonçalves a Santa Tereza), ERS-448 (Rio das Antas), ERS-452 (Bom Princípio a Caxias do Sul), VRS-826 (Feliz - Alto Feliz - Farroupilha), ERS-437 (Vila Flores a Antônio Prado).

■ **Ferrovia:** não há investimento previsto por parte da concessionária Rumo para recuperar a conexão de Vacaria, nos Campos de Cima da Serra, com o modal ferroviário

catarinense.

■ **Hidroviás:** terminal de Santa Clara, em Triunfo, é diferencial a ser aproveitado pelo Polo Químico de Montenegro, no Vale do Caí; empresas da Serra apostam no porto em Arroio do Sal, no Litoral Norte.

■ **Aeroportos:** Investimento de R\$ 270 milhões - construção do Aeroporto de Vila Oliva, em Caxias do Sul, foi incluído no PAC, com expectativa de início das obras no próximo ano.

Duplicações de rodovias na Serra vão atrasar

Teve início em janeiro a obra de duplicação da ponte sobre o Arroio Tega, na ERS-122, ao norte de Caxias do Sul, pela concessionária Caminhos da Serra Gaúcha (CSG), responsável pelas rodovias do chamado Bloco 3. A ponte, considerada um ponto nevrálgico na região, tem tráfego diário de 20 mil veículos, e pelo menos 30% deles são caminhões de carga. Somente nesta obra, que tem previsão de entrega em meados de 2026, são desembolsados R\$ 50 milhões. Foi o primeiro passo do pacote de duplicações previstas para o bloco de rodovias. “Optamos por começar as obras por essa ponte, sinalizando que estamos comprometidos em fazermos o que for preciso para a melhoria logística da região. Toda a primeira parte das duplicações, porém, exigiu uma adaptação nos projetos, com a cheia de 2024, e nos prazos, que estamos pleiteando junto ao governo do Estado”, explica o diretor-presidente da CSG, Ricardo Peres.

Pelo cronograma inicial de obras do Bloco 3, que inclui as rodovias ERS-122, ERS-240, RSC-287, ERS-446, RSC-453 e BR-470, o primeiro pacote de duplicações, com 33 quilômetros, deveria ser entregue no início de 2026. A concessionária, porém, solicitou a prorrogação do prazo em 15 meses, para entrega em maio de 2027 e o início das frentes de trabalho – exceto pela ponte sobre o Arroio Tega – entre dezembro deste ano e janeiro de 2026.

Fazem parte deste grupo de obras 11 quilômetros da ERS-122 do contorno norte de Caxias do Sul, a duplicação da RSC-453 entre Farroupilha e Bento Gonçalves e dois quilômetros da ERS-240, no Vale do Caí. “Após 2024, os projetos precisam ser revistos para se

tornarem mais resilientes. Tivemos que recalcular dados de inundação, aumentarmos a capacidade de drenagens, a altura das rodovias e os materiais a serem usados, mais resilientes, nos projetos de duplicação previstos”, explica Peres.

O plano da CSG é desembolsar R\$ 315 milhões neste ano – destes, R\$ 200 milhões em investimentos –, um volume 12% superior aos R\$ 281 milhões de 2024, dos quais, R\$ 156 milhões foram em investimentos.

Em apenas 17 dias, a concessionária havia conseguido restabelecer a ligação entre a Serra e a Região Metropolitana durante os eventos de maio do ano passado, no entanto, foram detectados 14 pontos com necessidades de novas contenções e recuperação de vias. Entre setembro e outubro, por exemplo, é prevista a entrega de um desses trechos, entre Caxias do Sul e Flores da Cunha, com desembolso de R\$ 20 milhões. Ao todo, são previstos R\$ 282 milhões entre contenções e recuperações.

Estes valores, no entanto, não fazem parte do pacote de investimentos da concessionária neste ciclo, por não estarem previstos no contrato original da concessão e, portanto, ainda dependem de ressarcimento por parte do Estado, como parte do reequilíbrio contratual, ainda não definido.

“As contenções são obras necessárias somente para manter as atuais condições de trafegabilidade das rodovias do bloco, não para a duplicação prevista”, explica o diretor.

Ao longo do trecho, a CSG instalou ainda seis estações meteorológicas como parte do seu plano de maior resiliência. No contrato, estavam previstas duas estações.



Ponte sobre o Arroio Tega tem tráfego diário de 20 mil veículos

CSG/DIVULGAÇÃO/JC

grupo | **āvel.**

Inteligência para cada etapa da sua vida financeira

āvel. | Wealth

Soluções exclusivas para a gestão do seu patrimônio.

āvel. | 

A melhor Assessoria de Investimentos da XP em 2024.

āvel. | Planejamento

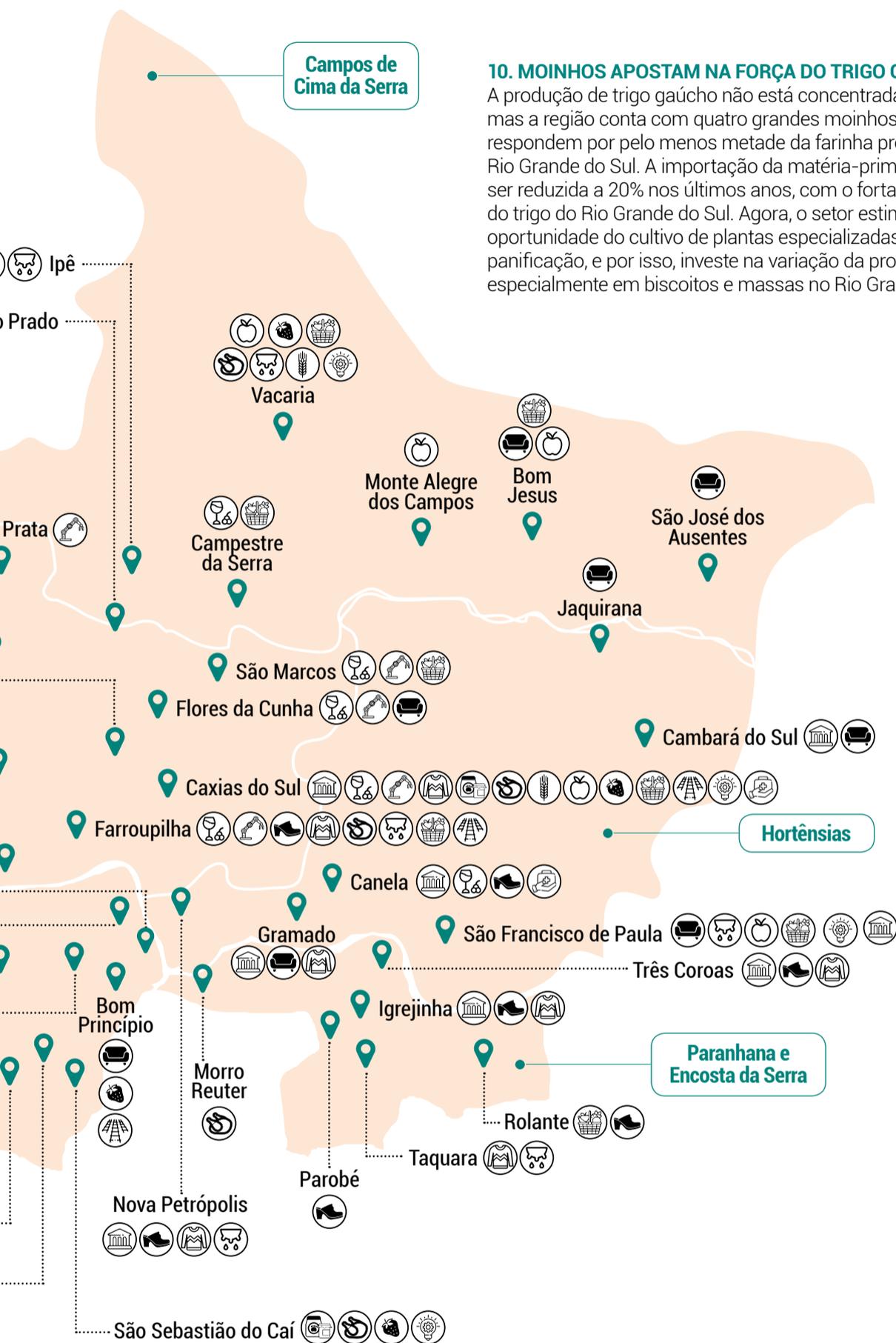
Estratégias para construir e proteger seu patrimônio ao longo da vida.

Dentro do nosso grupo você encontra:

Investimentos – Trader – Previdência – Consórcios
– Crédito – Seguros – Cartões – Câmbio –
Internacional – PJ – Compromissada – Tributário –
M&A – DCM



Escaneie o código e conecte-se com um de nossos estrategistas.



10. MOINHOS APOSTAM NA FORÇA DO TRIGO GAÚCHO

A produção de trigo gaúcho não está concentrada na Serra, mas a região conta com quatro grandes moinhos, que respondem por pelo menos metade da farinha produzida no Rio Grande do Sul. A importação da matéria-prima chegou a ser reduzida a 20% nos últimos anos, com o fortalecimento do trigo do Rio Grande do Sul. Agora, o setor estimula a oportunidade do cultivo de plantas especializadas para a panificação, e por isso, investe na variação da produção, especialmente em biscoitos e massas no Rio Grande do Sul.

11. MORANGO "DO AMOR" E POMARES DE MAÇÃ

Em alta no mercado, a partir das tendências na internet, os morangos disputam agora com as maçãs um lugar nas vendas para a produção dos morangos do amor, ou da mais tradicional maçã do amor. A macrorregião concentra as principais áreas de cultivo das duas frutas no Rio Grande do Sul. Então, essa tendência por aqui não é brincadeira, é oportunidade de negócio e aumento na demanda. No caso dos morangos, o reflexo se dá na alta dos preços pela diminuição da oferta a partir da safra, e nas maçãs, os pomares passam por uma transformação, com o plantio de espécies mais viçosas ao consumidor. É a forma de tornar os frutos daqui mais competitivos tanto no mercado nacional quanto em novos mercados externos.

12. A PRODUÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS

Estão entre a Serra, os Campos de Cima da Serra e o Vale do Caí algumas das principais lavouras de frutas e legumes do Estado, que garantem, por exemplo, a maior fatia de participação entre os produtos comercializados na Ceasa. À exceção dos Campos de Cima da Serra, foram pelo menos 1,3 mil propriedades rurais atingidas diretamente pela inundação de 2024. Chegando a 31,5% da zona rural de Pareci Novo, por exemplo, ou de 40% em Cotiporã. Mesmo no período crítico, as regiões seguiram abastecendo o mercado de alimentação especialmente da Região Metropolitana.

13. ENTRE DUPLICAÇÕES, GARGALOS E UM NOVO AEROPORTO

Se a Serra Gaúcha concentra uma das principais áreas industriais do Rio Grande do Sul, é também diretamente prejudicada pelos gargalos logísticos que reduzem a competitividade da produção local. Enquanto o custo logístico em qualquer região do País é considerado de até 17%, na Serra este volume é de 21%. Não está no horizonte, por exemplo, a duplicação da BR-116 neste trecho. Por outro lado, a concessionária CSG, depois de revisar seus projetos após as cheias, pretende iniciar em 2026 o primeiro pacote de duplicações de rodovias no chamado Bloco 3 de estradas estaduais. Outros mais de R\$ 500 milhões são investidos pelo Estado em recuperação de rodovias atingidas pela calamidade. Foi incluído no PAC, com recursos federais, a construção do novo aeroporto de Vila Oliva, em Caxias do Sul, que garantiria uma alternativa importante ao fluxo de passageiros e até de cargas na região, com aportes previstos de R\$ 270 milhões. No Vale do Caí, a presença do terminal Santa Clara é um diferencial hidroviário para que o Polo Químico prospere no município de Montenegro.

14. INOVAÇÃO E UNIVERSIDADES

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) avança no projeto para um campus universitário em Caxias do Sul. Enquanto isso, o Instituto Hélice aposta na Inteligência Artificial e busca conectar instituições de ensino superior com o mercado a partir de iniciativas voltadas à inovação.

16. SAÚDE EM EXPANSÃO

Estão em Caxias do Sul dois dos quatro melhores hospitais do Rio Grande do Sul, conforme levantamento da revista Newsweek. Está no município o segundo melhor complexo hospitalar da rede Unimed no Brasil, e o Pompéia Ecosistema de Saúde, que é referência tecnológica no Estado. Pois agora este know how avança pela região, com a construção de uma unidade prime do Pompéia em Canela que vai aliar saúde de ponta e turismo.

15. LATICÍNIOS DE OLHO NOS NOVOS GOSTOS DO CONSUMIDOR

Alta de 3% nos abates de frangos no Rio Grande do Sul no semestre de 2025, em Montenegro, o volume de produção chegou a US\$ 1 milhão nos primeiros sete meses do ano. Farroupilha, município líder na produção de ovos no Estado. A queda nas vendas externas foi superior a 35% em Montenegro. Mesmo com o fim das restrições sanitárias detectado em maio, ainda há barreiras comerciais de Montenegro. Mesmo com o fim das restrições sanitárias um mês depois, ainda há barreiras comerciais, por exemplo, que representam um desafio para os próximos meses. O desenvolvimento genético e a criação de ovos têm 44% da sua produção no Vale do Caí.

15. LATICÍNIOS DE OLHO NOS NOVOS GOSTOS DO CONSUMIDOR

Está na Serra uma das principais bacias leiteiras do Rio Grande do Sul, e neste ambiente, cooperativas tradicionais como a Santa Clara, de Carlos Barbosa, e Piá, de Nova Petrópolis, encontraram terreno fértil. E para seguirem competitivas, apostam em muito trabalho de laboratório, com desenvolvimento de produtos, e de pesquisas de mercado, a fim de entender novas tendências do consumo. Produtos como whey, zero lactose ou com maior concentração de cálcio, além de subprodutos da produção de leite, estão cada vez mais presentes nas linhas de produção local.

Indústria calçadista

Fábricas de calçados tipo exportação tentam se fortalecer

Setor é diretamente responsável pela retomada da economia do município de Três Coroas após a enchente de 2024

Eduardo Torres

A tradição calçadista entre o Vale do Paranhana, a Serra e a Região das Hortênsias concentra 665 empresas do setor, com a geração 27,2 mil empregos formais.

No ano passado, conforme levantamento da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), foram produzidos 47 milhões de pares entre as indústrias da região, em um polo que é especializado nos calçados em couro e material têxtil.

Qualidade tipo exportação, como define o presidente do Sindicato das Indústrias Calçadistas de Três Coroas, no Vale do Paranhana, Márcio dos Santos.

“A nossa produção calçadista responde por 80% da economia do município. Temos um produto muito bem elaborado, que garante um valor agregado e um público consumidor de padrão mais elevado. E temos ainda como diferencial um passivo ambiental zerado e alta

capacidade de qualificação da mão de obra para essa produção. Já formamos mais de mil alunos na nossa escola, que inclui desde o manuseio da matéria-prima até os módulos mais avançados para atuação na indústria, e agora estamos levando essa ideia para a rede de ensino do município”, aponta o presidente.

O setor é diretamente responsável pela retomada da economia de Três Coroas após a cheia de 2024. O Vale do Paranhana teve quase 8% do seu território tomado pela inundação do ano passado, conforme o Mapa Único do Plano Rio Grande, com 5,8 mil CNPJs atingidos.

Entre as microrregiões mapeadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, foi a que teve o maior volume de empresas afetadas pela cheia. No caso das indústrias calçadistas de Três Coroas, mais de 90% foram atingidas de alguma maneira, com perdas superiores a R\$ 100 milhões.

E uma das receitas das empresas locais para saírem mais fortalecidas da calamidade do ano passado estava direcionada justamente aos Estados Unidos. Com o anúncio do tarifaço, que mantém as mais altas taxas de importação aos calçados brasileiros,



Tradicional na região, indústria calçadista garante muitos empregos no Vale do Paranhana

há incerteza no setor.

“Vínhamos executando um projeto desenhado já há dois anos em conjunto com outros sindicatos, envolvendo o investimento de mais de R\$ 600 mil, que chamamos de pacto calçadista direcionado aos Estados Unidos. Já houve feiras e, em junho, estivemos em Nova York, em um summit para conhecermos melhor o mercado. Temos um showroom programado para outubro, novamente em Nova York, onde pretendemos levar os nossos produtos para lá, agora, estamos em compasso de espera”, diz Santos.

Conforme a Abicalçados, as vendas para os Estados Unidos responderam em 2024 por 21% das exportações calçadistas no Vale do Paranhana, com uma redução de 15,5% nos valores negociados, de US\$ 23,8 milhões, em relação a 2023, refletindo as consequências da inundação na produção industrial local.

Nos primeiros sete meses do ano, 82,9% de tudo o que Rolante exportou foi destinado aos Estados Unidos. No município, são 3,7 mil trabalhadores dedicados à indústria calçadista, ou quase 20% da população local.

Estão no Vale do Paranhana quatro dos 25 municípios brasileiros que mais empregam na produção de calçados e partes de calçados.

Em Três Coroas, o mercado norte-americano absorveu 10,1% de tudo o que foi exportado nos primeiros sete meses do ano. Parte deste volume sai da Variettá, que destina 25% da sua produção de até 800 pares por dia para o mercado externo.

A produção na indústria é de calçados femininos finalizados, que garantem maior valor agregado. E neste caso, com um atributo a mais para a entrada em mercados externos, com a numeração inclusiva, até o tamanho 46.

A produção calçadista na região

■ Rio Grande do Sul responde por 21,9% dos calçados produzidos no Brasil, e responde por 49,7% do valor exportado em calçados

■ 23% deles (46,9 milhões de pares) foram produzidos entre o Vale do Paranhana, Serra e Hortênsias

■ Vale do Paranhana empregou 22,2 mil pessoas em 591 empresas do setor em 2024, que tiveram 21% das suas exportações para os Estados Unidos

■ Serra e Hortênsias empregaram 5 mil pessoas em 74 empresas do setor em 2024

Municípios que mais empregam no setor

■ **Parobé:** 6,3 mil empregos (10º no Brasil)

■ **Igrejinha:** 5 mil empregos (14º no Brasil)

■ **Três Coroas:** 3,8 mil empregos (20º no Brasil)

■ **Rolante:** 3,7 mil empregos (22º no Brasil)

(FONTE: ABICALÇADOS 2024)

Gigante da indústria calçadista aposta no fortalecimento da marca no Brasil

Mesmo presente com calçados de marca própria em mais de 60 países – 70% deles na América Latina e quase zero nos Estados Unidos –, a prioridade da Usaflex, que conta com unidades produtivas em Igrejinha e Parobé no Vale do Paranhana, e ainda duas unidades em Campo Bom e Dois Irmãos, no Vale do Sinos, está no fortalecimento da marca no Brasil. E para isso, são investidos R\$ 45 milhões neste ano.

“Estamos aportando R\$ 5 milhões em qualificação de

maquinário e outros R\$ 40 milhões na estratégia de reforço em mídia, especialmente digital. São 180 influenciadoras levando o nome da Usaflex ao mercado”, explica o CEO da empresa, Sérgio Bocayuva.

Faz parte de uma estratégia adotada pela empresa desde que foi adquirida pela Axxon Group. Na época, a Usaflex tinha 75% do seu público com mais de 50 anos. Hoje, essa média já foi reduzida para 40 anos.

“Estamos trabalhando muito com franquias, mídia,

mais estilo e design”, resume o executivo.

A ginasta olímpica Flávia Saraiva, por exemplo, é a garota-propaganda dos calçados Poofy, de injetados voltados ao público mais jovem, e Cláudia Raia é o rosto da linha Usamais, garantindo, segundo Bocayuva, mais competitividade ao produto.

Entre todas as fábricas, a Usaflex tem capacidade produtiva de até 30 mil pares por dia, mas a produção flutua entre 25 mil e 30 mil pares diários. São 1,4 mil pessoas

empregadas na planta, ampliada há três anos, em Igrejinha, e outras mil em Parobé.

“O mercado vive um momento de instabilidade, com queda de 15% nas vendas no primeiro trimestre, e isso deve resultar em uma redução no faturamento, de R\$ 525 milhões no ano passado, para em torno de R\$ 500 milhões em 2025”, diz Bocayuva.

Entre as grandes protagonistas da economia de Igrejinha, a Usaflex garante, ao lado da Beira Rio e outras indústrias calçadistas, por exemplo,

63,5% das exportações do município. Diferente dos municípios vizinhos, porém, somente 2,2% do volume exportado pelo município no primeiro semestre de 2025 foi direcionado aos Estados Unidos.

Uma das explicações está na força das marcas locais. Os calçadistas mais prejudicados pelo tarifaço são aqueles que produzem no sistema de private label (calçados produzidos aqui para marcas norte-americanas), que dificilmente conseguem ser inseridos em outros mercados.

Indústria

Polo moveleiro da Serra busca alternativas

Móveis de madeira não ficaram entre os itens excluídos das taxações extras dos Estados Unidos

A cada notícia sobre o tarifaço dos Estados Unidos em produtos brasileiros, mais aumenta a apreensão na indústria moveleira Delucci, de Bento Gonçalves. Para os próximos meses, a empresa já preparava uma encomenda de seis contêineres, com 2,5 mil cadeiras em madeira para serem entregues entre as churrascarias norte-americanas. Um negócio que, hoje, garante entre 10% e 15% do faturamento da empresa.

“Já estamos com toda a matéria-prima comprada e parte da produção pronta para

embarcar. Infelizmente, essa incerteza está instalada em todo o polo moveleiro, porque o nosso produto é muito específico e dificilmente se consegue destinar para outro mercado sem uma negociação prévia”, diz a proprietária da Delucci e presidente do Sindicato das Indústrias do Mobiliário de Bento Gonçalves (Sindmóveis Bento Gonçalves), Cíntia Weirich.

Com um crescimento nos negócios de quase 10% nos primeiros quatro meses do ano em comparação com o mesmo período do ano passado, o polo moveleiro de Bento Gonçalves e região viveu um momento de aquecimento, especialmente no mercado interno, no pós-cheia, liderando, inclusive, a geração de empregos até o final

de 2024 no município da Serra.

“O que vivemos no pós-cheia reforçou algumas das características do nosso polo. Garantimos design diferenciado e buscamos tecnologias para a produção e a busca de novos consumidores, mas a incerteza em relação às exportações representa um risco para as empresas e os empregos. Algumas já estão dando férias para esperar o que vai acontecer”, conta a dirigente.

Os móveis em madeira não ficaram entre os itens excluídos da tarifação extra.

A produção moveleira não se limita à Região da Serra, que concentra pelo menos 300 empresas do setor vinculadas ao Sindmóveis Bento, que engloba ainda os municípios de Monte

Belo do Sul, Pinto Bandeira e Santa Tereza. Na macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico, também há polos significativos na região das Hortênsias e do Vale do Caí, com destaque para a Madesa, em Bom Princípio, e a Kappesberg, em Tupandi.

Conforme a Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul (Movergs), as vendas para os EUA representam 16% das exportações do setor. No primeiro semestre deste ano, o montante negociado com os norte-americanos corresponde a US\$ 19 milhões.

O setor moveleiro do Rio Grande do Sul tem 2,4 mil empresas responsáveis por mais de 34 mil empregos. O faturamento em 2024 foi de R\$ 13,6 bilhões – 15,2% do faturamento brasileiro. Com relação às exportações, o Estado vende para mais de 120 países. O volume em 2024 chegou a US\$ 261,1 milhões. O volume no primeiro semestre deste ano foi de mais de US\$ 117,5 milhões.

A cadeia madeireira e moveleira

■ São 2,4 mil empresas moveleiras no RS, das quais, pelo menos 300 concentram-se entre Bento Gonçalves, Pinto Bandeira e Santa Tereza

■ A macrorregião tem polos moveleiros na Serra (Bento Gonçalves, Pinto Bandeira, Santa Tereza, Flores da Cunha, Garibaldi), na Região das Hortênsias (Gramado) e no Vale do Caí (Tupandi e Bom Princípio)

■ A Serra concentra o 2º maior plantio florestal do RS, com 175,8 mil hectares, dos quais, 140,2 mil são de pinus

Áreas plantadas

📍 São Francisco de Paula: 42,8 mil hectares (2º do RS)

📍 Cambará do Sul: 19,6 mil hectares (5º do RS)

📍 Bom Jesus: 18,9 mil hectares (6º do RS)

📍 São José dos Ausentes: 13,1 mil hectares (15º do RS)

📍 Jaquirana: 12,3 mil hectares (18º do RS)

(FONTES: AGEFLOR/2024, MOVERGS, SINDMÓVEIS)

Uniodonto.

Uma parceria que gera mais **valor** para sua empresa e **qualidade** para sua **equipe**.

Comercial Uniodonto RS
Conta comercial do WhatsApp



uniodonto® U



somoscoop

RS 17.850/25

Municípios

Igrejinha incentiva diversificação da economia

Cidade vive expectativa por possível chegada da montadora BYD

Eduardo Torres

Desde novembro do ano passado, quando o governo gaúcho partiu em missão à China, o prefeito de Igrejinha, Leandro Horlle, aguarda com esperança por uma definição da montadora BYD sobre a possibilidade de instalação de uma fábrica no município do Vale do Paranhana.

Na bagagem do governador Eduardo Leite, naquela oportunidade, foi o material que apresentava Igrejinha e demonstrava todas as facilidades para atrair o investimento e garantir, ainda mais, a diversificação da matriz econômica do município que já teve o setor calçadista como responsável por 80% dos empregos locais, e hoje responde por 40% e metade do retorno tributário.

De acordo com o prefeito, este foi um namoro iniciado em agosto do ano passado, quando representantes do município tiveram um encontro com a BYD em São Paulo. Até o início deste ano, surgiram pelo menos dois municípios concorrentes, Novo Hamburgo e Rio Grande, mas

ainda não há definição nem de local e nem do modelo de nova planta industrial que os chineses pretendem instalar no Brasil, depois da montadora em Camaçari, na Bahia.

“A BYD, claro, chama a atenção pelo porte e por ser uma montadora internacional, mas não seria inédita a operação que estamos oferecendo para que eles sejam atraídos para o nosso município. Conseguimos estabelecer um modelo de lei de incentivos significativo e personalizado ao porte da empresa que queremos atrair ou que está interessada em se instalar em Igrejinha, que vai desde o ressarcimento do ICMS até a doação de terreno ou isenção de tributos municipais desde a construção até a operação”, explica Horlle.

Diferente de municípios vizinhos no Paranhana, nos últimos anos Igrejinha tem conseguido reduzir com sucesso a dependência histórica relacionada ao setor calçadista, mas sem reduzir o espaço para este polo econômico.

Há três anos, por exemplo, foi a lei de incentivo local que garantiu a ampliação da Usaflex em Igrejinha, onde já fica a sede da empresa, ao invés de migrar para outro município da região. A exemplo da Piccadilly e da Beira Rio.

Fica em Igrejinha, por exemplo, a ConstruarTE, uma das principais empresas do setor da construção civil no Estado. E um novo polo moveleiro, com 20 pequenas empresas já estabelecidas e incentivadas pelo município, é desenvolvido.

Até mesmo uma empresa de economia circular, a Ambiente Verde, instalou sua unidade para receber resíduos da indústria calçadista, com o desenvolvimento de novos produtos, em um lote negociado com o município às margens da ERS-115.

“São resíduos que se tornam valor econômico e aumento da cadeia produtiva para o município”, resume o prefeito.

Entre os novos setores em ascensão está ainda o de confecções de roupas íntimas, com os investimentos e o avanço nos mercados nacional e internacional da Crisdu. Igrejinha foi o 35º principal município exportador do Rio Grande do Sul nos primeiros sete meses do ano, e o setor responde por 35% dessas negociações no exterior, representando pelo menos US\$ 18 milhões em vendas no período, com variações positivas superiores a 50% nos valores negociados de sutiãs e de 78% em cuecas, por exemplo.



Lei de incentivo econômico garantiu a ampliação da fábrica da Usaflex em Igrejinha

Aposta no capital humano

Com o maior PIB municipal na Região do Vale do Paranhana, tendo crescimento de 10% entre 2020 e 2021, anos mais recentes do levantamento municipal pelo IBGE, Igrejinha tornou-se referência na região, especialmente nas ações para a recuperação da economia após a cheia de 2024.

“Nosso município tem pouco mais de 30 mil habitantes, mas temos a consciência de que, quando atraímos ou reforçamos investimentos e empregos na nossa cidade, somos a referência para mais de 200 mil habitantes do Vale do Paranhana. E este é o diferencial do futuro para atrairmos as empresas. Claro que temos a logística como um diferencial competitivo, pela facilidade de mobilidade entre as regiões Metropolitana, Litoral e Serra, mas o capital humano é que fará a diferença no futuro”, aponta Leandro Horlle.

No pós- cheia, somente no setor calçadista, 62 empresas locais foram atingidas, gerando

mais de R\$ 200 milhões de impacto. O reflexo também aconteceu no mercado de trabalho. Segundo o prefeito, o município conseguiu manter uma boa geração de empregos e renda, mas houve redução após maio do ano passado. No final do primeiro semestre, o município registrava saldo positivo de apenas 70 vagas de emprego.

“Quando há vagas para serviços, elas esgotam rápido, mas para vagas industriais, só com incentivos”, comenta.

O poder público municipal atua como parceiro do Senai em cursos de qualificação, principalmente para o setor calçadista. E foi criado o programa Formar Igrejinha, gratuito, e custeado pela prefeitura. Já foi realizado, por exemplo, curso de costura têxtil específico com a Crisdu. “Não é à toa que a Beira Rio, por exemplo, tem na unidade de Igrejinha a produção da sua linha de maior valor agregado, a Vizzano. É porque a mão de obra aqui tem qualidade”, avalia Horlle.

O potencial da cerveja

Um dos expoentes da economia de Igrejinha e do Vale do Paranhana é a produção cervejeira, com a fábrica da Heineken. A partir daquela instalação, às margens da ERS-115, é produzida a bebida distribuída para todo o Sul do Brasil. A fábrica passa por uma ampliação, sem a divulgação do valor investido, e responde hoje por 20% do valor adicionado total da economia de Igrejinha, com um retorno de até R\$ 5 milhões ao ano para o município.

No entanto, a unidade industrial, bem no limite entre Igrejinha e Três Coroas, tornou-se alvo de uma disputa judicial entre os dois municípios. Na decisão mais recente – o prefeito de Igrejinha promete levar adiante a ação –, foi determinado que, conforme a presença do lote nos territórios de cada município, 85% da arrecadação da indústria deve ser destinada a Três Coroas e 15% a Igrejinha.

A presença da gigante cervejeira é um dos motores para o crescimento da Oktoberfest em Igrejinha, que garante o movimento comercial e turístico e estimula a multiplicação do setor no município. Em todo mês de março há, no mesmo espaço da Oktober, uma feira

com as cervejarias locais, comerciais e artesanais.

É neste ambiente que a Cervejaria Stier, criada em 2013 em Parobé, mas instalada em Igrejinha desde 2017, prospera. É uma das três microcervejarias que atuam comercialmente, com presença no varejo, e formam uma associação local de cervejarias. “Hoje estamos em 2 mil pontos de venda no Rio Grande do Sul. Partimos de uma pequena produção, em Parobé, com capacidade para 5 mil litros, fomos incentivados pelo município a nos instalarmos em Igrejinha e passamos a produzir 8 mil litros de chopp. Hoje, estamos produzindo até 300 mil litros por mês”, conta a sócia-proprietária da Stier, Silmara Andreatti.

O chopp da Stier foi o primeiro produzido comercialmente na região, inicialmente, distribuído para eventos. Hoje, a cervejaria produz o chopp em garrafa PET, em barril e em garrafa de 600ml, além da cerveja long neck. E, como garante a Silmara, a cervejaria, que emprega 70 pessoas, não vai parar por aí. “Estamos de olho no mercado de bebidas com menor teor alcoólico, que é uma tendência da Geração Z.”

Indústria

A química para movimentar a economia da região

Tanac vem expandindo sua atuação e agora passa por reestruturação para retomar a vocação inicial

A produção da Tanac, em Montenegro, no Vale do Caí, mesmo fora do terreno destinado ao chamado Polo de Química desenhado para o município, é possivelmente a melhor vitrine para a atração de novas empresas do setor para a região.

Estabelecida na cidade há mais de sete décadas, a empresa, que nos últimos anos havia expandido para áreas de produção florestal, passa por uma reestruturação voltada à sua vocação inicial: a produção de taninos extraídos da acácia negra.

E vem deste produto uma

amostra da multiplicidade da produção química. “O tanino é como um bombril. Sempre que investimos em mais pesquisas, encontramos novas utilidades”, explica o presidente da Tanac, Luciano Valcarenghi.

Não à toa, a empresa investe R\$ 110 milhões este ano. O produto já está presente em cadeias produtivas do couro e do tratamento de água e efluentes, por exemplo. Agora, avança em novos produtos como o Tanfeed, que é usado como agente imunizante na produção animal, juntamente com a ração. Há ainda o chamado Tanfert, que é um fertilizante orgânico, com melhora, por exemplo, na produtividade da soja.

A indústria química de Montenegro investe ainda nos

testes, em pleno Mar do Norte, na costa da Escócia, do uso do tanino como produto essencial para a filtragem da água com óleos nas plataformas da Petrobras. “Hoje exportamos nossos produtos à base de tanino para 60 países, e temos o objetivo de ganharmos cada vez mais mercados”, explica Valcarenghi.

De acordo com o presidente do Sindicato das Indústrias Químicas do Rio Grande do Sul (Sindiquim), Maurício Fontana, o Polo Químico em Montenegro tem um papel estratégico para solucionar gargalos do Estado e do País. Empresas que produzem metanol, fertilizantes e dióxido de titânio (base para tintas industriais e metalmeccânicas), por exemplo, aponta



TANAC/DIVULGAÇÃO/JC

Há 70 anos em Montenegro, Tanac investirá R\$ 110 milhões em 2025

o dirigente, seriam bem-vindas para o desenvolvimento de cadeias essenciais para a economia da região.

“É um ativo em plena expansão. Agora, com a Invest RS, o nosso polo ganha condições de ser vendido para o mundo todo. Em Montenegro temos facilidades logísticas, com o terminal hidroviário já usado pelo Polo Petroquímico e a facilidade da proximidade com este polo, vizinho, em Triunfo, para

garantir complementaridade na produção”, diz Fontana.

O projeto começou a ser idealizado durante o governo José Ivo Sartori (2015-2018), como uma extensão do Polo Petroquímico. Atualmente, há três empresas instaladas ou em fase de estruturação: Hipermix (cimento), Traçado (asfalto) e Sulboro (fertilizantes produzidos a partir do boro). Há ainda uma quarta empresa em fase de análise para a sua instalação.

Do Brasil para o Mundo!



f Nutrire

@nutrire_oficial



Leia o QR code e acesse nosso site!

Alimentamos cães e gatos em mais de 50 países.

N Nutrire
Valorizamos quem valoriza você.

Vitivinicultura

O Vale dos Vinhedos também é dos sucos

Produtos integrais garantem a maior fatia das vendas para indústrias da região

Eduardo Torres

A imagem da produção de uvas na Serra Gaúcha traduz-se no mercado pelos vinhos. No entanto, é a qualidade dos sucos integrais que garante a maior fatia das vendas nas indústrias da região. A liderança nacional de sucos integrais é da Cooperativa Vinícola Aurora, que tem 65% da sua produção e das vendas justamente nos sucos.

O produto da cooperativa de Bento Gonçalves representa 30% de todo o suco integral brasileiro. E este setor merece grande atenção nos planos de investimento de R\$ 25 milhões da cooperativa neste ano, e de R\$ 110 milhões nos últimos quatro anos.

“Há uma tendência mundial pelo consumo de menos álcool. O jovem tem consumido bebidas mais saudáveis, e isso não significa abrimos mão dos nossos vinhos, mas nos qualificamos para atender a essa exigência. Um movimento que iniciamos junto aos nossos produtores de uva desde 2011, quando começamos a mostrar a eles a importância do cuidado e da valorização do cultivo de uvas para sucos, com o plantio de novos vinhedos, mais precoces, de variedades específicas, híbridas de americanas, adequadas para o suco, e tem surtido efeito. Ano a ano

temos garantido produtos com menor acidez e mais qualidade, e isso se comprova nos números”, aponta o diretor industrial da Aurora, Roberto Lazzarini.

As vendas de sucos representam 46% do faturamento da cooperativa, com alta demanda. Em torno de 20% da produção que, na indústria, graças ao investimento, inclusive ampliado neste ano, em tanques inoxidáveis para o melhor armazenamento, acondicionamento e envase a qualquer época do ano.

Nas unidades do Vale do Vinhedos da Aurora, três linhas de produção são exclusivas para a elaboração e engarrafamento dos sucos. São dois tipos de produtos na linha de sucos integrais: a linha Casa de Bento, que é engarrafada de um dia para o outro, e a linha Aurora, esta, com maior limpeza do mosto – que tem recebido maiores investimentos da cooperativa –, com a uva estocada em tanques.

De acordo com Lazzarini, os sucos recebem agora um reforço de novos itens zero álcool, que representam 2% da produção da Aurora. Entre as novidades, está o suco de uva com gás e carbonatado artificialmente que, inclusive, tem aberto o mercado da China para os produtos da cooperativa. Está ainda em desenvolvimento o estudo para desalcoolização do vinho.

O setor vive um 2025 desafiador. Depois da safra ruim do último ano, em 2025 a colheita e a qualidade da uva foram positivas, no entanto, são os preços

nas prateleiras que não têm atraído o público com o mesmo vigor aos sucos integrais. Ainda assim, o suco é uma receita para garantir rendimentos em momentos não muito favoráveis para o setor.

“Mesmo com a quebra da safra no ano passado, 26% do nosso faturamento veio do suco. Em volume, temos mantido em torno de 50% da produção neste produto, e no campo, 65% da uva é do tipo americana, com 80% delas usadas na produção de sucos. O restante, é destinado aos vinhos finos”, aponta o gerente de marketing da Cooperativa Vinícola Garibaldi, Maiquel Vignatti.

Ele recorda que o movimento em direção à valorização do suco iniciou há cerca de 20 anos, justamente para dar melhor destinação às uvas de mesa, que não garantiam, até então, valor agregado à produção da Garibaldi, que conta com 470 produtores associados. “O suco é um produto que evolui muito, e isso nos exige investimentos industriais em tecnologia para manter o bom padrão. Temos observado, por exemplo, um bom crescimento no mercado do suco de uva branco, que hoje chega a 10% das vendas. Temos também investido em variedades de embalagens, com tamanhos menores do que os originais, com boa aceitação principalmente de 1 litro”, aponta.

A Garibaldi é a terceira no mercado de sucos integrais brasileiros hoje, que conta, no top 3, com outra cooperativa da Serra, a Nova Aliança.



Associação de Produtores de Garibaldi foi criada para promover o espumante do município

Farinhas e óleo valorizados

Na Organovita, em Garibaldi, além da produção orgânica de sucos e vinagres, o aproveitamento da uva é inteiro. Na produção líquida, a empresa industrializa ainda os vinagres. Mas o aproveitamento das frutas é inteiro na produção. São separadas cascas e sementes que, secas, e com um processo que evita a fermentação, resultam em farinhas a partir da trituração, ricas em fibras, e em óleo, extraído da semente da uva, com uso direcionado desde

a indústria de cosméticos e de alimentos, inclusive como substituto, de maior valor agregado, ao azeite de oliva. A cada ano, a Organovita produz 5 toneladas de farinhas a partir da uva e da maçã, com 15% dessa produção destinada à exportação. “Somos os únicos produtores de óleo de uva 100% orgânico e certificado no Brasil”, explica César Luís Postinger. Anualmente, a empresa produz 500 litros de óleo de uva, destinados ao mercado brasileiro.

Espumantes de Garibaldi buscam reconhecimento

AUGUSTO TOMASI/DIVULGAÇÃO/JC



Garibaldi produziu 4,53 milhões de litros de espumantes em 2024

Em 2024, saíram de Garibaldi 4,53 milhões de litros de espumantes engarrafados. É o município líder nessa produção no Brasil, e que responde por 20% de toda a produção vinícola do Estado no ano passado. O espumante mais vendido no mercado brasileiro é de Bento Gonçalves, da Salton, segundo a Abras. No entanto, a Garibaldi e a Chandon figuram entre as 5 marcas mais consumidas no País.

É em busca do reconhecimento aos processos produtivos do espumante no município que foi criada recentemente a Associação dos Produtores de Espumantes de Garibaldi. Entre os objetivos do grupo está a busca do certificado de origem.

“O espumante brasileiro nasceu aqui. O terroir da Serra é reconhecido como adequado para as uvas que resultam em espumantes de alta qualidade. Mas o espumante não é necessariamente um vinho de terroir, é um vinho de processo, e é isso que queremos certificar. As uvas para essa produção vêm, inclusive, de outras regiões do Estado, mas em Garibaldi dominamos desde o

método tradicional ao método charmat e novas técnicas. O saber fazer é que torna o nosso produto diferenciado”, explica o presidente da associação, Ricardo Morari.

Segundo ele, os diferenciais do espumante de Garibaldi reúnem acidez, frescor e elegância. E o papel da associação, além da busca pela certificação, é o de garantir o avanço técnico entre os fabricantes da região mesmo diante dos desafios para a produção futura.

“As mudanças climáticas estão presentes em todos os debates técnicos da produção de uvas. A condição que temos encontrado nos vinhedos é muito diferente do passado. Isso nos preocupa, mas ao mesmo tempo, abre caminho para novas variedades e técnicas de cultivo, com o estabelecimento do melhor período para a colheita”, detalha o especialista.

Segundo ele, é fundamental controlar a maturação da uva em um cenário de maior variação térmica e de fenômenos como grandes volumes de chuva mais frequentes na Serra.

CÉSAR SILVESTRO/DIVULGAÇÃO/JC

A uva é aproveitada por inteiro

A produção de uvas bordô, com maior resistência a variações climáticas, mesmo com menor produtividade, de 30 famílias em 12 municípios da Serra tem, em Garibaldi, a sua destinação para a produção média de 360 mil litros de suco 100% orgânico. Na Organovita, 100% da uva recebida das produções, que são certificadas internacionalmente como orgânicas, é processada e envasada no mesmo dia, sem o uso de conservante. Uma produção que também se estende às maçãs, que resultam em 300 mil litros anuais de suco.

“Foi uma experiência que começou com o nosso pai, ainda no interior de Roca Sales, a partir de um parreiral que ele recuperou para fazer suco para as crianças da família. Ele era biólogo e sempre prezou pela produção orgânica. Logo, os vizinhos também estavam produzindo sem agrotóxicos. Até que, em 2001, compramos terra em Garibaldi, mas a produção cresceu, e, hoje, temos a parte industrial concentrada no município, com a produção das uvas e maçãs distribuída pela região”, conta o diretor comercial da Organovita, César

Luís Postinger.

Segundo ele, a certificação internacional, que garante lugar importante à empresa no mercado de orgânicos, é obtida a partir de auditoria aos produtores, com análise da ausência de contaminação no solo, do uso de insumos naturais, também certificados. E, na parte da industrialização, a diferença está na ausência de conservantes.

O percurso para a certificação não é simples, e quem já o trilhou, como a Organovita, corta o caminho para outras marcas ou redes de varejo. Hoje, metade da produção da empresa de Garibaldi é destinada a outras marcas, que usam seus rótulos, ou mesmo as marcas próprias de redes de varejo.

“O mercado tem recebido muito bem o nosso produto, que tem um valor de prateleira maior e um retorno muito positivo. Temos hoje, uma das empresas do setor orgânico melhor estruturadas no País, com 30 funcionários e crescente automatização. Os nossos produtos chegam a todo o Brasil e, no exterior, principalmente aos Estados Unidos e Canadá”, comenta o diretor.



Produção da Organovita é certificada

Setor vitivinícola da Serra

Produção de uvas na região

- Flores da Cunha | 65 milhões de quilos colhidos
- Bento Gonçalves | 64 milhões de quilos colhidos
- Farroupilha | 51 milhões de quilos colhidos
- Caxias do Sul | 37 milhões de quilos colhidos
- Garibaldi | 37 milhões de quilos colhidos

Produção de sucos de uva

- Flores da Cunha | 29,91 milhões de litros
- Bento Gonçalves | 14,94 milhões de litros
- Monte Belo do Sul | 8,37 milhões de litros
- Farroupilha | 7,54 milhões de litros
- São Marcos | 5,97 milhões de litros

Produção vinícola total (mesa e finos)

- Flores da Cunha | 116,2 milhões de litros
- Bento Gonçalves | 75,08 milhões de litros
- Farroupilha | 36,65 milhões de litros
- Garibaldi | 23,06 milhões de litros
- São Marcos | 19,75 milhões de litros

Produção de espumantes

- Garibaldi | 4,53 milhões de litros
- Bento Gonçalves | 2,65 milhões de litros
- Flores da Cunha | 1,72 milhões de litros
- Pinto Bandeira | 390 mil litros
- Caxias do Sul | 360 mil litros

FONTE: SISDEVIN 2024

Indicadores do presente,
tendências para o futuro.

| Edição Cruz Alta |  Outubro

Em outubro, Cruz Alta receberá o Mapa,
um espaço de diálogo e integração
sobre economia e negócios.

Acompanhe nossas redes sociais
para conferir a programação.



Escaneie o QR Code
e veja como foram
as edições de 2024.



Entre em contato
e saiba como participar
do projeto.
(51) 3213.1338
comercial@jornaldocomercio.com.br

Serviços

Experiência nos roteiros turísticos está em alta

Visitantes de fora do Rio Grande do Sul buscam destinos na Serra Gaúcha

Eduardo Torres

Diversificar. Entre localidades, estilo e atrações. Essa é a ordem de quem investe no turismo e hotelaria na Serra, especialmente após o decreto da prefeitura de Gramado que suspendeu até o final deste ano o recebimento e análise para novos projetos de hotelaria e gastronomia na cidade. O Grupo Casa Hotéis, que já conta com três unidades na cidade da Região das Hortênsias, mirou no Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves, e, com isso, garantiu um dos planos da empresa, de estar presente nos três principais destinos turísticos da Serra e Hortênsias.

“Será possível ao turista manter um roteiro para desfrutar as regiões das Hortênsias, dos cânions e dos vinhedos dentro da nossa rede de hotéis”, comenta o diretor de marketing do Grupo Casa, Rafael Peccin.

Já começa a tomar forma o Parador Vale dos Vinhedos, com investimento de R\$ 50 milhões em uma obra iniciada neste ano e com previsão de inauguração em 2027. Serão 30 apartamentos e 24 cabanas instaladas, literalmente, dentro de um vinhedo.

“O vinho é o protagonista deste projeto, e nós fizemos questão, inclusive com a aprovação da associação dos produtores locais, de respeitar o que é prioridade ali, que são os vinhedos. É um projeto que



VIVIANE SOMACAL/COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI/DIVULGAÇÃO

Enoturismo em vinícolas é um dos atrativos em municípios como Garibaldi e Bento Gonçalves

segue a linha que já adotamos no Parador de Cambará do Sul, essencialmente para o turismo de experiência, integração com a paisagem e menor impacto possível com o ambiente local. O Vale dos Vinhedos sempre esteve nos nossos planos. Estávamos esperando o momento e o local certos”, diz Rafael Peccin.

Ao todo, o projeto tem 20 hectares, sendo 10 ocupados por vinhedos e outros cinco preservados com a mata nativa. De acordo com Peccin, todo o vinhedo na propriedade é produtivo, e os empreendedores buscam parceria com uma vinícola da região para garantir a experiência aos turistas na

produção do vinho.

“O turismo de experiência é a nossa essência. Em cada projeto, trabalhamos toda a experiência que estará envolvida para o visitante. Desde o cheiro, o som do local. Costumo dizer que não vendemos quartos ou estadia, mas uma experiência que garanta o acolhimento e o encantamento do cliente”, explica Peccin.

Em alta nos principais roteiros turísticos do mundo, o chamado turismo de experiência já é prática do grupo, que chegará ao seu quinto hotel na macrorregião retratada neste capítulo do Mapa. Iniciou seus empreendimentos com o Casa da Montanha, em Gramado. Na

mesma cidade, foi inaugurado em 2018 o Wood Hotel, que aposta na experiência do sono, também tendência no turismo mundial, e por isso, aceita somente hóspedes acima dos 14 anos.

“Neste hotel, é valorizada uma noite de sono reparador. A experiência inclui desde o travesseiro, a luz, a música em volume baixo. Todo um ambiente para que o bem-estar seja valorizado”, conta o diretor.

Ainda em Gramado, a rede tem o Petit Casa da Montanha. Este, um hotel “pet lover”, ou seja, com quartos, restaurante e ambientes plenamente adaptados para quem não viaja sem o seu pet.

O polo turístico

- A macrorregião concentra 1.516 estabelecimentos turísticos, que representam 30% de toda a malha turística do Rio Grande do Sul
- São 5 dos principais roteiros turísticos gaúchos: Região das Hortênsias; Vale dos Vinhedos; Cânions; Eventos/Negócios na Serra; Aventuras no Vale do Paranhana

Municípios destacados

- 📍 Gramado: 356 estabelecimentos (117 hotéis e pousadas; 68 restaurantes)
- 📍 Canela: 209 estabelecimentos (31 hotéis e pousadas; 13 restaurantes)
- 📍 Caxias do Sul: 189 estabelecimentos (12 hotéis e pousadas; 31 restaurantes)
- 📍 Bento Gonçalves: 123 estabelecimentos (29 hotéis e pousadas; 20 restaurantes)
- 📍 Cambará do Sul: 67 estabelecimentos (30 hotéis e pousadas; 4 restaurantes)

Já em Cambará do Sul, desde 2013 está instalada a grande aposta do grupo, com o primeiro “glamping” do Brasil, unindo o glamour de quartos de hotel à experiência do camping. São barracas de verdade, com todo o conforto da rede hoteleira, em meio à paisagem dos cânions.

“Fomos pioneiros, e apostamos alto na época. Somente agora a estrada que liga a região a Santa Catarina, por exemplo, está sendo asfaltada. A concessão dos parques permite investimentos e nos dá uma ideia de que, 20 anos depois de apostarmos na região, finalmente chegará o momento que esperávamos”, avalia Peccin.

Nova opção de luxo para a hotelaria no próximo ano

Os ventos sopram a favor do turismo de luxo. Ao menos essa é a aposta do Kempinski Laje de Pedra. Neste ano, o grupo investe R\$ 160 milhões no segundo ano de obras para reerguer o tradicional hotel com nova roupagem. A perspectiva é entregar a primeira fase, já preparada para hospedagens, durante o próximo ano. Parte das vendas está concluída, com unidades para residência ou no modelo de vendas por frações. Ambas as linhas de negociação, segundo o sócio do grupo, José Paim de

Andrade Júnior, evoluem bem. No entanto, a avaliação é de que o potencial de lucros com a destinação de mais unidades para hospedagem, e não moradia, tem crescido.

“Estamos avaliando a possibilidade de ampliar a destinação de apartamentos para a relação hoteleira, que têm demonstrado alta rentabilidade. Nas nossas projeções, que são conservadoras, observamos que os três melhores hotéis de Gramado e Canela hoje aplicam preços similares aos hotéis mais luxuosos

de São Paulo, mesmo não chegando àquele padrão, e com um custo de quarto 10 vezes menor, e neste inverno, por exemplo, a região está lotada todos os dias. Ou seja, a rentabilidade aqui é muito grande”, explica Paim.

O futuro Laje de Pedra contará com 360 unidades. Ele não detalhou quantas serão destinadas à hotelaria. Adianta, porém, que a campanha para atração do projeto tem sido reforçada no Sudeste do Brasil.

“Já lançamos três volumes da nossa coleção Destinos, com

o olhar da Kempinski para as atrações dessa região. E não há nada que se compare no País, por exemplo, em relação à enogastronomia. São 800 restaurantes entre Gramado e Canela, e há ainda o maior potencial para esportes de aventura, na região dos cânions, sem nada parecido no Brasil. Já sabemos que a Região das Hortênsias é o terceiro destino turístico do Brasil, mas ainda é irrelevante para a classe A, que queremos atrair para cá”, detalha o empresário.

O projeto, que está no seu

segundo ano de obras, já teve a entrega do edifício chamado Bosque, que tem garagem, restaurantes e o show room. E os atrativos já dão uma mostra da intensa movimentação de turistas, com casa cheia. Algo que, como salienta José Paim, poderá ser ainda mais potencializado com o avanço do projeto de operação comercial do aeroporto de Canela. Um dos objetivos do grupo empresarial é garantir voos recorrentes entre a cidade da Região das Hortênsias e São Paulo.

Em busca da recuperação dos turistas no pós-cheia

O enoturismo, que é um dos grandes potenciais da Serra, trabalha, desde a pandemia, em busca da recuperação plena, que foi interrompida bruscamente pelas cheias do ano passado. Na Cooperativa Vinícola Garibaldi, foi criada uma unidade especificamente para os seus projetos turísticos, em Garibaldi.

Ali, o desafio está em garantir valor agregado à experiência, mesmo que os números de visitantes ainda não se aproximem dos índices observados até 2019. E tem funcionado.

“O ticket médio saltou de R\$ 30 para mais de R\$ 100. Estamos trabalhando agora para movimentarmos este potencial turístico sem depender tanto da sazonalidade, por exemplo, da vindima ou do inverno”,

explica o gerente de marketing da vinícola, Maiquel Vignatti.

Na unidade turística, além da loja conceito, que oferece aos visitantes a experiência sobre a produção dos vinhos e espumantes da cooperativa, há cinco projetos possíveis de experiências aos turistas. Entre elas, uma imersão, por exemplo, na pipa usada para a reserva dos vinhos.

Para que se tenha uma ideia, antes da pandemia, a vinícola recebia até 145 mil visitantes por ano. No ano passado, mesmo com a paralisação do serviço durante um período, foram 45 mil, e a estimativa para este ano é fechar com 60 mil visitantes na vinícola. Nos meses seguintes à cheia, a redução do público nas vinícolas da região chegou a 90%.

Medida reequilibra Gramado

Com a retomada do Salgado Filho, nos primeiros sete meses deste ano, 1,25 milhão de visitantes estrangeiros chegaram ao Rio Grande do Sul, representando 21% do volume de turistas vindos do exterior para o Brasil. O Estado ficou atrás somente de São Paulo. A alta, para o setor que opera em Gramado, especialmente, veio acompanhada do frio e de uma medida do governo local bem vista por quem já está instalado na região: a suspensão de novas licenças para instalação de hotéis com mais de 20 apartamentos na cidade e restaurantes com mais de 20 cadeiras na área central de Gramado.

Com 216 meios de hospedagem licenciados, o município abriga atualmente cerca de 24,7 mil leitos. E as projeções são de crescimento. Na Secretaria de Planejamento, tramitam 33 projetos de instalação de hospedagem transitória, o que representa um acréscimo de 1,4 mil acomodações. Como se não bastasse, há ainda 13 empreendimentos em construção, que proporcionarão quase 10 mil leitos. Ao todo, serão cerca de 36,1 mil leitos de hospedagem transitória na cidade.

“O resultado de tanto aumento na oferta foi uma

redução significativa no tíquete médio. Torna-se um desafio ao mercado. Mas em julho, acredito que já foi possível perceber um bom aumento do movimento uniforme na região com uma ocupação em torno de 80% dos hotéis”, estima Peccin.

As taxas de ocupação nos últimos quatro anos, porém, não fazem jus à quantidade de acomodações licenciadas. De modo geral, a média fica em torno de 56,72% de lotação, sendo que a porcentagem mais baixa foi em 2024, quando atingiu 45,30% de média.

Conforme o Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur), toda a macrorregião retratada neste Mapa Econômico concentra mais de 1,5 mil estabelecimentos de serviços turísticos e representam 30% dos quase 5 mil estabelecimentos no Estado. Gramado lidera o índice regional, com 356 estabelecimentos, ou 25% de todos na macrorregião, ficando atrás, em volume, apenas de Porto Alegre no RS. Entre eles, 117 são hotéis e outros 68, restaurantes. Em Canela, que é o terceiro município gaúcho mais bem servido de estabelecimentos neste setor, são 209 ao total, sendo 31 hotéis e pousadas e 13 restaurantes.

Inovação

Ecossistema da Serra avança e terá novo campus da Ufrgs

Instituições de ensino podem suprir lacunas para formação de mão de obra qualificada na região

Ana Stobbe

Prestes a completar sete anos de atuação, o Instituto Hélice se consolida como um polo de inovação na Serra Gaúcha. Sediado em Caxias do Sul, ele possui atuação em toda a região, conectando empresas e universidades. Além disso, contribuiu para a formação de talentos a partir da Escola da Inovação, fundada em 2022.

“A necessidade de conexão entre universidades e empresas é uma demanda antiga e conseguimos aproximar mais isso. Precisamos gerar pontos de contato e entendimento entre esses mecanismos. Às vezes, vai ser por uma pesquisa. Outras, pelo desenvolvimento de patentes e propriedade intelectual, o que é destaque na Serra Gaúcha. Existe uma produção (de conhecimento), mas isso precisa estar dentro de uma práxis”, avalia a diretora-executiva do Instituto Hélice, Katherin Misura.

Contando com a Universidade de Caxias do Sul, a Uniftec e o Centro Universitário FSG no seu quadro de apoiadores, o Instituto tem estreitado relações com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), que irá instalar um campus em Caxias do Sul em breve e que cogita a possibilidade de expandir com um parque tecnológico futuramente. A previsão, conforme a reitora Márcia Barbosa, é que as aulas iniciem em março de 2026.

O campus caxiense da federal deverá ter seis cursos, incluindo as engenharias de Produção Mecânica, Agrícola e de Materiais e Manufatura, assim como Ciência de Dados, Administração e Pedagogia. Estão sendo negociados, ainda, os cursos de Psicologia e de Artes Cênicas. O Ministério da Educação (MEC) destinou R\$ 60 milhões ao projeto, que ainda não tem local de instalação definido.

Pensando nas conexões entre a academia e o mercado, o Instituto Hélice convidou o vice-reitor da Ufrgs, Pedro



Instituto Hélice aposta na formação de talentos voltada à inovação

Costa, para discutir quais serão as características do curso de Administração. “Se teremos uma universidade formando novos talentos na Serra, isso converge com uma demanda local. A instituição de ensino pode fazer o seu próprio planejamento, porque tem autonomia para isso, mas no momento em que ela busca conexão com as empresas locais para isso, é um golaço”, acrescenta Katherin.

Em entrevista ao Jornal do Comércio, a reitora da Ufrgs, Márcia Barbosa, garantiu que as escolhas têm sido orientadas pelas demandas locais. “Queremos muito trabalho dentro das fábricas, mão na massa, resolução dos problemas das empresas. Vamos ter estudantes com outro formato, com turnos livres para trabalhar, um perfil montado para a região”, afirmou.

A demanda por mão de obra qualificada é um ponto crítico na região. Principalmente, considerando que, embora tenha tido um alto crescimento demográfico de 2010 para 2022, anos em que foram realizados os últimos recenseamentos do IBGE, isso não acompanhou um mercado de trabalho aquecido.

O tema foi discutido durante evento do Mapa Econômico do RS em Garibaldi, realizado no dia 7 de agosto, quando os presentes citaram as instituições de ensino como fundamentais para sanar a lacuna entre postos de trabalho e empregabilidade. Um dos presentes a comentar a situação foi o sub-reitor da UCS em Bento Gonçalves, que pontuou o enfoque da universidade

Universidades na macrorregião

- Universidade de Caxias do Sul (UCS)
- Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs)
- Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG)
- Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)
- Faculdades Integradas de Taquara (Faccat)
- Uniftec

Cursos previstos para o novo campus da Ufrgs em Caxias do Sul

- Engenharia de Produção Mecânica
- Engenharia Agrícola
- Engenharia de Materiais e Manufatura
- Ciência de Dados
- Administração
- Pedagogia

em cursos de tecnologia da informação.

“Acho que aí se encontra a nossa primeira falta, que é a tecnologia, porque ela vai poder suprir essa necessidade onde há dificuldade de ocupação em algumas colocações. Em contrapartida, vamos precisar cada vez mais de talentos com alto conhecimento para poder fazer o que essas tecnologias não dão conta. Então, a oferta de cursos que qualifiquem outros setores é muito importante”, avalia Katherin.

Agronegócio

Setor aviário trabalha para recuperar mercados

Mesmo com aumento no volume de abates, participação gaúcha nas exportações caiu

Eduardo Torres

Desde o início de maio deste ano, quando foi confirmado um caso de gripe aviária em uma granja comercial de Montenegro, no Vale do Caí, o setor aviário trabalha na recuperação de mercados, tendo entre a Serra e o Vale do Caí 44% da produção gaúcha. De acordo com o presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), José Eduardo dos Santos, ainda há restrições ativas, incluindo a China, aos produtos aviários gaúchos.

Mesmo com o aumento no volume de aves abatidas no RS no primeiro semestre do ano, com 405,07 milhões – 3,2% a mais do que no mesmo período de 2024 –, a participação gaúcha nas exportações de carnes de frango caiu 6,3%. Entre os principais municípios com frigoríficos de aves na região, porém, o impacto nas vendas ao exterior foi maior. Em Garibaldi, conforme o Ministério do Comércio Exterior, houve redução de 35,2% no volume de exportações de carnes de aves e miudezas entre janeiro e julho deste ano, movimentando US\$ 3,6 milhões no período.

Já em Montenegro, onde está uma das principais unidades industriais de abate de aves da JBS no País, os negócios com a carne de frango para fora do Brasil movimentaram menos de US\$ 1 milhão no período.

“O setor vinha em recuperação desde 2024, após os casos de Newcastle. O setor, de um modo geral, segue apreensivo. Porque a produção já vinha enfrentando problemas climáticos,

com o calor excessivo do começo do ano, o que acabou mexendo com os preços”, explica o presidente da Asgav.

O município onde foi detectado o foco de gripe aviária não é líder na produção de frangos na macrorregião retratada neste capítulo do Mapa, no entanto, tem importância estratégica pela industrialização. O frigorífico JBS recebeu um dos principais aportes de R\$ 1,8 bilhão destinados pela gigante do setor às suas unidades gaúchas.

A empresa não detalha os volumes produzidos por unidade, mas, a cada ano, são produzidas 430 mil toneladas de carnes de ave entre os seus frigoríficos gaúchos. São três na região – Montenegro, Caxias do Sul e Garibaldi –, de um total de cinco no Estado.

Por meio de nota, o diretor executivo de operações da Seara, Daniel Ávila, aponta que receberam aportes neste ciclo as granjas de desenvolvimento de frangos. Entre as 21 unidades no RS, a JBS tem oito entre a Serra, os Campos de Cima da Serra e o Vale do Caí. Em André da Rocha, Ipê, Nova Bassano, São Pedro da Serra e Vacaria, por exemplo, estão granjas de desenvolvimento das aves para a empresa.

Antes das granjas, há o desenvolvimento genético de matrizes. E fica em Montenegro a Agrogen, expoente no setor no Brasil, com o desenvolvimento, entre o município e unidades em Triunfo e no Paraná, 14 milhões de matrizes ao ano.

A cadeia avícola é completa ainda com a produção de ovos que, em 2024, liderou o País no volume exportado. De acordo com a Asgav, foram 6,5 mil toneladas de ovos exportadas no ano passado, 35% do volume vendido pelo Brasil. O principal polo produtor fica em Farroupilha. “Houve

O setor aviário

■ Vale do Caí e Serra respondem por 44% da produção gaúcha de aves

■ No primeiro semestre, o Rio Grande do Sul abateu 405 milhões de aves, um crescimento de 3,2% em relação a 2024

Produção de frangos

📍 **Farroupilha:**

1,1 milhão de aves

📍 **Salvador do Sul:**

937,1 mil aves

📍 **Alto Feliz:** 745,5 mil aves

📍 **Morro Reuter:** 631,5 mil aves

📍 **Vacaria:** 590,1 mil aves

Produção de ovos

📍 Farroupilha

📍 Vacaria

📍 Alto Feliz

📍 Salvador do Sul

📍 Morro Reuter

Frigoríficos de aves

📍 Garibaldi (Nicolini, JBS)

📍 Caxias do Sul (Seara/JBS)

📍 Montenegro (JBS)

📍 Farroupilha (Carrez Alimentos)

📍 São Sebastião do Caí (Agrosul)

FONTES: IBGE, ASGAV, FUNDESA

um esforço para a qualificação da produção de ovos. Por meio da associação, e uma assistência técnica, que atua na capacitação dos produtores. Além do ovo in natura, o Estado negocia o produto em líquido e em pó”, detalha José Eduardo dos Santos.

A gigante do setor, Naturovos, opera em Salvador do Sul, no Vale do Caí – quarto maior produtor de ovos da macrorregião –, e em Vacaria, nos Campos de Cima da Serra, segundo maior produtor de ovos da macrorregião.

Laticínios investem para agradar o novo cliente

Garantir maior competitividade em um ambiente em que a importação e empresas nacionais tornam-se grandes concorrentes é o grande desafio da Cooperativa Santa Clara, de Carlos Barbosa, na Serra, na produção de leite e laticínios. Por isso, além da captação do leite e dos investimentos industriais e em outros setores produtivos, que neste ano devem chegar a R\$ 35 milhões, a cooperativa trabalha cada vez mais em seus laboratórios e nas pesquisas de mercado.

“Saúde e bem estar é hoje uma moeda cada vez mais valorizada no mercado. E nós precisamos estar alinhados com o que o consumidor exige, é uma questão de competitividade. Nossa pesquisa de mercado aponta as tendências e nós avaliamos se a nossa linha de produção tem capacidade de operar. Em alguns casos, fazemos as adaptações, em outros, formulamos o produto e industrializamos com parceiros”, explica o diretor administrativo e financeiro da Santa Clara, Alexandre Guerra.

É possível notar este avanço da cooperativa nas prateleiras. Em praticamente toda a linha de produtos, estão presentes os rótulos com redução de sódio e zero lactose, além do leite com mais cálcio, o chamado 50+. E, mais recentemente, a linha de whey própria, que é produzida em uma indústria parceira, fora do Rio Grande do Sul.

Os resultados, aponta Guerra, são os melhores possíveis. Havia projeção de crescimento de 4% neste ano, mas já é possível imaginar 8% de crescimento da Santa Clara no mercado, chegando a um faturamento de R\$ 2,7 bilhões.

“Durante a cheia no ano

passado, mesmo com as dificuldades logísticas e alguns pequenos produtores sendo bastante prejudicados, a cooperativa continuou investindo em todas as pontas. De um lado, estamos concluindo uma nova central de distribuição em Carlos Barbosa, que permitirá centralizar a nossa logística após a produção industrial, de outro, temos trabalhado para que os produtores consigam cada vez mais eficiência nos seus rebanhos”, detalha o diretor.

A bacia leiteira da Serra está entre as três maiores do Estado, mas a atuação da cooperativa já ultrapassou esse limite. Hoje, a coleta de leite da Santa Clara chega a 153 municípios entre a Serra, Alto Uruguai, Alto Jacuí e Taquari. E por isso, os investimentos também não se limitam à região onde nasceu a cooperativa. Neste ano, foi aberta uma loja agropecuária em Teutônia e um novo prédio foi reformado para a loja em Paraí. Ao todo, são 4,8 mil associados, dos quais 2,3 mil produzem leite. A Santa Clara busca ainda leite em parceria com outras cooperativas gaúchas.

Com 2,7 mil funcionários, a produção láctea é dividida em três frentes. Em Carlos Barbosa está concentrada a produção de queijos nobres, bebidas fermentadas e requeijão. As outras duas unidades estão no eixo norte do Estado. Em Casca, é envasado o leite UHT, que ocupa o quinto lugar na preferência dos consumidores da Região Sul do Brasil, conforme levantamento da Agas, e em Getúlio Vargas, são produzidos mussarela e requeijão. De acordo com Alexandre Guerra, 60% da produção é destinada para fora do Estado.

COOPERATIVA SANTA CLARA/DIVULGAÇÃO/JC



Cooperativa Santa Clara aposta na tendência de produtos saudáveis

Produção suína avança

A ampliação da industrialização de suínos está entre as prioridades de investimento da Cooperativa Santa Clara, em Carlos Barbosa, neste ano. Parte dos R\$ 35 milhões desembolsados neste ano são destinados à ampliação do

frigorífico de suínos, que deve ter a sua capacidade ampliada de 350 para 600 animais processados por dia.

Além do frigorífico em Carlos Barbosa, a cooperativa mantém o abate em Vila Lângaro, no Nordeste gaúcho, e

granjas de suínos, com 65 produtores associados, em todas as regiões onde atua. O setor, que não tem a macrorregião entre as suas principais produtoras, conta ainda com um frigorífico da JBS em Caxias do Sul, no distrito de Ana Rech.

Indústria

O mercado pet se fortalece

Produção de rações respondeu, nos primeiros sete meses do ano, por 43% de todas as exportações do município da Garibaldi

Eduardo Torres

A produção de proteína animal em Garibaldi garante um lugar de destaque a um setor não relacionado à produção rural, e sim ao avanço da cultura pet no Brasil e no exterior. A produção de rações, que tem a indústria Nutrire como uma expoente, respondeu, nos primeiros sete meses do ano, por 43% de todas as exportações do município da Serra, com mais de US\$ 21 milhões negociados.

A maior fatia entre todos os setores exportadores locais – e

que já foi maior em 2024, quando respondeu por 46% de todos os negócios com compradores externos – tem como principal destino os países da América do Sul, mas a produção de Garibaldi já chega a 52 países.

Fundada em 2001 por Gerson Simonaggio, a Nutrire é responsável pelas marcas Monello, Birbo e Select e já é uma das 10 maiores fabricantes de rações pet do País, além de ser a maior exportadora brasileira. Desde 2016, a empresa também produz em Minas Gerais, mas é da planta industrial na Serra que parte a produção que é vendida a outros países.

“Hoje produzimos 10 milhões de quilos de rações para cães e gatos por mês. Em cinco anos, a nossa meta é chegar a 16 milhões de quilos e atingir o faturamento de R\$ 1 bilhão. Este

é um mercado em pleno crescimento. Cada vez mais, os pets são parte das famílias, e a exigência do consumidor tem sido cada vez maior pelo desenvolvimento de produtos adequados e responsáveis. É nisso que apostamos”, explica Simonaggio, que administra a empresa ao lado da irmã.

Desde o ano passado a empresa desembolsa R\$ 40 milhões em modernização da sua fábrica. Hoje, 90% da produção é com marcas próprias, reservando um pequeno percentual do que é feito pela Nutrire para outras marcas.

A exemplo dos demais setores de proteína animal, a fabricação de rações para pets também garante a movimentação da cadeia produtiva da região e do Estado. Toda a matéria-prima da Nutrire é nacional, sendo 90%



AUGUSTO TOMASI/DIVULGAÇÃO/JC

Gerson Simonaggio fundou a empresa Nutrire em 2001

do RS – desde farinhas de frango e bovinas até arroz, trigo, milho e soja gaúchos.

“A localização aqui no Rio Grande do Sul é estratégica para

nós, tanto pela alta disponibilidade de matéria-prima quanto pela facilidade de escoamento para o mercado externo”, explica o diretor.

Massas, biscoitos e farinhas na preferência do consumidor

Entre massas e biscoitos, a Isabela, de Bento Gonçalves, figura entre as duas marcas preferidas do consumidor do Sul do Brasil em cinco categorias analisadas pela pesquisa SuperHiper, organizada pela Associação Brasileira de Supermercados. O levantamento reflete o papel estratégico que a indústria da Serra,

fundada em 1954, tem, hoje, para a M.Dias Branco, que mantém marcas de massas e biscoitos em todo o País. A indústria faz parte do grupo desde 2003.

Em Bento, a empresa produz massas com ovos e sêmola, além de biscoitos salgados, doces, wafers e recheados, incluindo a versão mousse e tortinhas, e

recentemente lançou, resultado do mais recente investimento na sua fábrica, o Lámen Isabela Zero Fritura, ingressando em um novo nicho do mercado. Seguindo a estratégia do grupo nacional, estes produtos são encontrados nas prateleiras de mercados dos três estados do Sul. São mais de 70 produtos no portfólio.

A produção de massas, biscoitos e farinhas é um dos potenciais da Serra Gaúcha. São pelo menos quatro grandes indústrias do setor espalhadas pelos municípios próximos. Entre as marcas preferidas dos consumidores do Sul, ainda figuram a Orquídea, entre biscoitos e farinha, e a Nordeste, nas farinhas.

No caso da Isabela, que é a mais mencionada entre as empresas do setor no levantamento, são produzidas 180 toneladas por dia de massas e 300 toneladas diárias de biscoitos. São mais de mil funcionários. Nos últimos três anos, a empresa inaugurou quatro novas linhas de produção na fábrica de Bento Gonçalves.

Mais de um século de exportações em indústria no Vale do Caí

Fundada há 117 anos, completos em agosto, a Oderich, que tem sede em São Sebastião do Caí, não sucumbiu a duas grandes cheias, em 2023 e 2024, e ainda a um incêndio no Natal de 2023, que atingiram em cheio a sua principal fábrica. A empresa investirá R\$ 120 milhões até o próximo ano prioritariamente na reconstrução e readequação do parque fabril, mas sem perder de vista a vocação que, desde a década de 1920 já garantia produtos gaúchos para exportação.

“Temos como foco principal investir na recuperação do que foi perdido, reconstruir e realocar o que for possível. Junto a isso, estamos investindo em linhas mais modernas, que possibilitarão novos lançamentos”, explica o responsável pelo marketing, Thomas Oderich.

Os avanços, aponta o diretor, não se limitam à marca original Oderich, mas também à Ribs, Tomatino, Jurema, Jusara, Pomar e Petitosa, que pertencem à empresa. Assim como outros setores, a



ODERICH/DIVULGAÇÃO/JC

Com sede em São Sebastião do Caí, Oderich investirá R\$ 120 milhões até 2026

empresa também encontra dificuldades para garantir mão de obra qualificada, então, uma das estratégias para investimentos está direcionada à automação da produção.

O resultado é a manutenção de até 45% da produção destinada ao mercado externo.

“Tivemos a retomada de compras de clientes fiéis, tanto para o varejo quanto para licitações em projetos de alimentação para forças armadas de alguns países. E este volume seria ainda maior se não tivéssemos perdido parte do estoque com as cheias. Muita coisa ficou atrasada, e atuamos em um mercado

muito volátil e com concorrentes como os chineses e produções do Oriente Médio”, conta Oderich.

A exportação de conservas de carnes representa a maior parte das vendas de produtos de São Sebastião do Caí ao exterior. E a Oderich é um exemplo de busca de mercados fora do circuito norte-americano. Seus produtos hoje chegam a mais de 70 países. A maior parte das vendas concentra-se no continente africano e no Oriente Médio.

Além da unidade fabril e da sede da empresa no município do Vale do Caí, onde são produzidas refeições prontas para o consumo, carnes processadas e condimentos como ketchup – quarto na preferência dos consumidores do Sul do Brasil, a empresa tem ainda unidades em Pelotas (frutas, vegetais e temperos em conserva) e em Eldorado do Sul (fabricação de embalagens). Fora do Rio Grande do Sul, são outras duas unidades em Goiás e uma na Bahia.

Indústria têxtil

Anselmi prepara nova fábrica para operar a partir de 2026

Estrutura de 35 mil metros quadrados em Farroupilha receberá investimento de R\$ 80 milhões

Ana Stobbe

Referência na produção têxtil, a malharia Anselmi, especializada em tricô, prepara-se para crescer ainda mais. Com a preparação do terreno já em andamento, a empresa deverá iniciar em breve a construção de uma nova fábrica na cidade de Farroupilha ainda neste ano, com pretensão de começar as operações em 2026. O município já conta com a primeira planta da marca.

Os 35 mil metros quadrados da nova fábrica receberão um investimento de R\$ 80 milhões. A partir dessa estrutura, será possível expandir a produção de malhas, embora a fundadora e CEO da marca, Maria Anselmi, destaque que ainda não é possível prever valores de crescimento.

“É difícil dar um número. Vai expandir com certeza, mas se vai ser 30% ou 20%, eu não sei. A economia está muito instável e não sabemos o que pode acontecer, mas tem muita demanda. Hoje, temos mão de obra na fábrica, mas não temos como

expandir por falta de espaço”, considerou a empreendedora.

Neste momento, o terreno já está sendo aterrado para iniciar as construções. A planta será instalada no trevo de acesso à cidade, na rodovia RS-122, ao lado da fábrica da Tramontina. A localização estimula um outro aproveitamento do espaço: para a recepção de visitantes.

“A gente quer modernizar a parte de vendas e também temos intenção de receber turistas na empresa. Já recebemos grupos de pessoas, mas o espaço ainda é precário para isso. Queremos fazer um auditório e um ambiente legal para essas pessoas e esperamos que vire uma espécie de ponto turístico. Estamos ao lado da Tramontina ajuda muito, porque é só atravessar a rua”, antecipa Maria.

A empresa de uns anos para cá investiu na nacionalização da produção têxtil, conforme a fundadora da Anselmi celebrou durante participação no painel do terceiro evento do Mapa Econômico do RS de 2025, realizado, em Garibaldi, no dia 7 de agosto.

Conforme ela na ocasião, foi uma maneira encontrada de depender menos do mercado externo durante a pandemia. “Ficamos apavorados com a falta

do insumo. Resolvemos, então, montar uma fiação”. Hoje produzimos o fio e a malha”, destacou.

A empreendedora ressalta que a novidade auxiliou a marca a crescer ainda mais. “Temos a melhor tecnologia que existe no mundo em termos de tricô e o nosso grande diferencial é termos a fiação e a tinturaria. Produzimos a peça na cor natural e deixamos em estoque. Conforme as cores forem vendendo, a gente tinge. É uma logística que ninguém tem no Brasil e que dá muita agilidade”, explica.

Apesar da nacionalização da produção, alguns insumos precisam ser importados. Maria explica que são utilizados, hoje, como matéria-prima o algodão agroecológico e a lã merino gaúcha, esta misturada com caxemira. A produção, da fiação à tinturaria, é realizada em três unidades fabris sediadas pelas cidades de Farroupilha, Feliz e Alto Feliz.

Além da produção, o varejo também tem crescido. Hoje, com 21 lojas espalhadas por diferentes estados brasileiros, a marca está com mais três pontos de venda aguardando a inauguração. “Onde a gente vai, a Anselmi é um sucesso. E nos anima muito podermos estar próximos ao consumidor”, celebra Maria.

A capital da moda inverno de olho no Brasil

Eduardo Torres

Prestes a completar 40 anos em 2026, a Bimar é uma das empresas expoentes do setor de malharias e confecções, que soma mais de 500 indústrias entre a Serra e o Vale do Paranhana, e, como antecipa a gerente de comunicação e criatividade da empresa, Suélen Biazzioli, está de olho na expansão de mercados além da Região Sul do Brasil.

“O frio, é claro, historicamente é o nosso melhor aliado para as vendas, que tiveram um pequeno crescimento neste ano, mas temos buscado investir em teares para produtos mais médios ou finos, olhando para outros mercados no Brasil. Farroupilha é a capital da moda inverno, mas o tricô pode ter matérias-primas mais frescas”, conta Suélen.

Em se tratando de estilo, a empresa de Farroupilha é exemplar, e tem aumentado o seu esforço na busca por matérias-primas não agressivas ao meio ambiente. Nas linhas de 2025, destaca-se o uso do modal, que vem da faia, certificado.

Ainda não há um plano concreto para a expansão da marca, que deve ser colocada em prática no próximo ano. Segundo a gerente, o lojista (B2B) continuará sendo o principal cliente da Bimar, mas não é descartado ampliar a presença da marca

Polo das confecções

▶ São 533 indústrias de confecção ativas na região entre o Vale do Paranhana e a Serra Gaúcha

▶ **Destacam-se:** Caxias do Sul, Farroupilha, Nova Petrópolis, Igrejinha, Três Coroas, Taquara, Gramado

FONTE: FITEMAVEST

Fruticultura

O bom negócio das frutas

Eduardo Torres

Produzir chimias a partir das frutas locais, como abóboras, figo, uva, morango ou goiaba, além de doces à base de chocolate e leite, é um bom negócio. É o que vem provando a Bom Princípio Alimentos que, desde o ano passado, desembolsou R\$ 26 milhões em ampliação e melhoria na sua indústria, em Tupandi, no Vale do Caí. “Se, por um lado, estamos chegando a sete países diferentes, temos um trabalho muito importante com mil famílias de produtores locais. Durante a cheia do último ano, reforçamos ainda mais esse laço, com toda a assistência a eles”, conta o CEO da Bom Princípio, Alexandre Ledur.

A empresa fechou 2024 respondendo por cerca de 1,5% das exportações de Tupandi. No primeiro semestre deste ano, já chegou a mais de 2%. A empresa produz 45 variedades de recheios, tanto para doces e conservas quanto para as linhas de food service, que dominam mais de 50% da produção.

No Vale do Caí, a produção de frutas tem lugar de destaque. Montenegro, por exemplo, lidera em laranjas e bergamotas no Rio Grande do Sul. Na Serra Gaúcha, além da uva, concentram-se pomares de pêssego e ameixa.

A produção nos municípios

Maçãs

- ▶ Vacaria
- ▶ Caxias do Sul
- ▶ Bom Jesus
- ▶ São Francisco de Paula
- ▶ Monte Alegre dos Campos

Morangos

- ▶ Ipê
- ▶ Bom Princípio
- ▶ Caxias do Sul
- ▶ São Sebastião do Caí
- ▶ Vacaria

Laranjas

- ▶ Montenegro
- ▶ São José do Hortêncio
- ▶ São José do Sul
- ▶ Tupandi
- ▶ Harmonia

Bergamotas

- ▶ Montenegro
- ▶ Pareci Novo
- ▶ São José do Sul
- ▶ Harmonia
- ▶ São José do Hortêncio

Pêssegos

- ▶ Pinto Bandeira
- ▶ Farroupilha
- ▶ Caxias do Sul
- ▶ Antônio Prado
- ▶ Campestre da Serra

Ameixas

- ▶ Caxias do Sul
- ▶ Antônio Prado
- ▶ Farroupilha
- ▶ Campestre da Serra
- ▶ Ipê

Tomates

- ▶ Caxias do Sul
- ▶ São Francisco de Paula
- ▶ Nova Bassano
- ▶ São Marcos
- ▶ Nova Pádua

(FONTE: IBGE)

Maçã e morango: “duelo do amor”

O eixo entre o Vale do Caí, a Serra e os Campos de Cima da Serra são palco do “duelo” das redes sociais e de uma onda de consumo entre a novidade do morango do amor e a tradicional maçã do amor. Do ponto de vista dos produtores, a tendência exige estratégias para lidar com a demanda.

O morango virou patrimônio de Bom Princípio, mas a produção não se restringe ali. A maior área plantada no Estado, por exemplo, fica em Ipê, nos Campos de Cima da Serra. De acordo com a Associação de Produtores de Morango de Bom Princípio (Bom Morango), a rápida propagação do novo doce pegou de surpresa as 80 famílias produtoras locais. A colheita iniciou em julho, um período em que os clientes costumavam buscar entre 50 e 60 caixinhas

de morango. Nesse ano, essa média chegou a 150 caixinhas. No ano passado, os produtores de Bom Princípio colheram 1,1 tonelada. Para 2025, a projeção é fechar o ciclo em 1 tonelada.

Vacaria também figura entre os principais municípios produtores de morango no Estado. A marca do município, porém, é a maçã, e não há rivalidade, e sim, o movimento para melhorar a qualidade da fruta. “Não há aumento de áreas plantadas, mas um movimento de renovação dos pomares, com o replantio das clones, com espécies desenvolvidas com maior coloração e sabor. É uma migração do setor daquelas tradicionais, do tipo gala, para espécies mais valorizadas”, explica o presidente da Associação Gaúcha dos Produtores de Maçã (Agapomi), Gilberto Marques.

Painel

Evento do Mapa Econômico do RS reuniu lideranças para debate em Garibaldi

Encontro para discutir oportunidades e desafios ao desenvolvimento econômico das Regiões da Serra, Campos de Cima de Serra, Hortênsias, Vale do Caí, Paranhana e Encosta da Serra aconteceu em 7 de agosto na Câmara de Indústria e Comércio (CIC) de Garibaldi.



Giovanni Jarros Tumelero, diretor-presidente do JC



Prefeito de Garibaldi, Sérgio Chesini



Presidente da Agas, Antônio Cesa Longo



Presidente da Federação Varejista do RS, Ivonei Pioneer



Prefeito de Veranópolis, Cristiano Dal Pai



Prefeito de Farroupilha, Jonas Tomazini



Presidente da CIC de Garibaldi, Carlos Bianchi foi o anfitrião



Gerentes do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE-RS) de Caxias do Sul, José Flores, e de Lajeado, Kátia Bohmer



Daniel Silva, diretor comercial da incorporadora Cyrela



Alexander Nunes, gerente do BRDE



Mari Pimentel, relações institucionais da Ável



Gilberto Boscato preside o Centro Empresarial de Flores da Cunha



Leonardo Giordani, diretor da Giordani Turismo



Marcos Carbone, presidente da CDL Metropolitana



Emiliano Castaman, diretor de gastronomia e turismo do SEGH



Gerson Simonaggio, sócio-diretor da indústria Nutrire

Evento realizado na Câmara da Indústria e Comércio (CIC) de Garibaldi foi palco de um debate animado sobre caminhos ao desenvolvimento; além dos painelistas, mais de 150 convidados deram as suas contribuições para a discussão.



TÂNIA MEINERZ/JC

Qualidade da fala dos painelistas Neco Argenta, Maria Anselmi e Oscar Lô foi elogiada pelo público



BRENO BAUER/JC

Daniel Amadio, presidente do Sindilojas Bento Gonçalves



TÂNIA MEINERZ/JC

Marijane Paese, presidente do Conselho Superior da CIC Bento



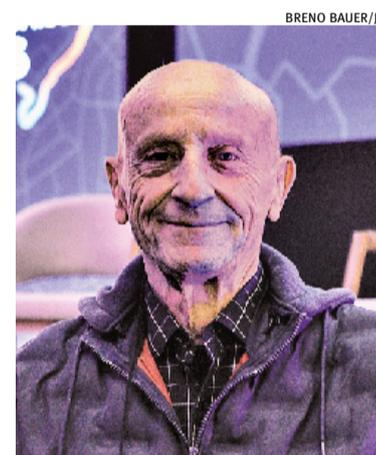
TÂNIA MEINERZ/JC

Daniel Panizzi, presidente da Uvibra



TÂNIA MEINERZ/JC

Gustavo Rech, gerente regional do Sebrae-RS em Caxias do Sul



BRENO BAUER/JC

Tarcísio Michelin, diretor da Rede Dall'Onder de Hotéis



BRENO BAUER/JC

Emerson Correa e Matheus Borges Santos, do Crea-RS



TÂNIA MEINERZ/JC

Gerson Silva e equipe da Uniodonto: Elisangela Tuhtenhagen, Maria Icart, Suzi Carvalho e Lucas Duran



TÂNIA MEINERZ/JC

Alexandre Stroher, diretor da Ulbrattech



BRENO BAUER/JC

Thômaz Nunnenkamp, diretor do Laboratório Saúde, e José Bozzetto, diretor da BCM Engenharia



TÂNIA MEINERZ/JC

Fabiano Larentis, sub-reitor da UCS, campus Região dos Vinhedos



BRENO BAUER/JC

Lina Furlanetto, secretária de Turismo e Cultura de Garibaldi

TÂNIA MEINERZ/JC



Mais de 150 lideranças regionais estiveram no encontro promovido pelo Jornal do Comércio na CIC de Garibaldi

Foi o terceiro evento da série Mapa Econômico do RS realizado em 2025; desta vez, a Região da Serra concentrou as atenções, com destaque para as oportunidades da expansão do turismo e os desafios em infraestrutura nesta parte do Estado.

TÂNIA MEINERZ/JC



Empresário Clovis Tramontina participou do Mapa Econômico do RS

BRENO BAUER/JC



Gilberto Galafassi, secretário de Gestão e Finanças de Caxias do Sul

TÂNIA MEINERZ/JC



Prefeito de São Marcos, Volmir Nazareno Rech, e a primeira-dama, Fabiane Rech

BRENO BAUER/JC



Cristina Carniel, gerente de marketing do Consevitis-RS

BRENO BAUER/JC



Lindomar Demarchi, presidente da CDL Garibaldi

BRENO BAUER/JC



Orlando Carrer, empresário da Agroarará Indústria de Alimentos

BRENO BAUER/JC



Felipe Kochenberger coordena a Unimed Serra Gaúcha

TÂNIA MEINERZ/JC



Juarez Piva, secretário municipal de Desenvolvimento de Bento Gonçalves

BRENO BAUER/JC



Ana Paula Denicol, CEO da Denicol Engenharia, e Letícia Gavirachi, advogada

TÂNIA MEINERZ/JC



Auditério da CIC de Garibaldi ficou lotado para o Mapa Econômico do RS, com lideranças de várias cidades

Construindo e cultivando um novo amanhã.

Há 91 anos, o CREA-RS acompanha a evolução da engenharia, da agronomia e das geociências no Rio Grande do Sul. Em 2025, seguimos firmes no compromisso com o desenvolvimento, com o olhar voltado para um futuro mais sustentável, humano e resiliente. Porque cada obra, cada plantio, cada projeto carrega a força de quem constrói e cultiva com propósito.

